

**CONTOS DE MÃO BRANCA**

**CONTOS**

**DE**



# CONTOS DE MÃO BRANCA

## O tratador de cães

Geraldo trabalhava como motorista. Dirigia de caminhões com carga até vans com pessoas. Homem simples, tornou-se conhecido no subúrbio por cuidar de todos os cães que lhe parassem nas mãos. Adorava os cachorros. Dizia que eram seus únicos amigos fiéis.

Conheci Geraldo numa carona, ele me levava para outro município. Pediu para passarmos em sua residência para alimentar os cães.

- Claro. – Concordei.

No terreno, coberto de casinhas de cachorro bem cuidadas e habitadas, havia dezenas de cães. O homem empertigou-se antes de sair do carro. Os cães ladraram desesperadamente.

- Calma, senhoras e senhores, já irão comer! – Anunciou.

Fui atrás do homem. Os cães não latiram para mim e muitos vieram me pedir cafunés. Brinquei com alguns antes de Geraldo voltar do barracão ao fundo do lote.

- Cuidado! – Alertou. – Muitos são bravos.

- A cachorrada gosta de mim, Geraldo. – Falei ao afagar o focinho de um pastor belga.

O homem olhou-me desconfiado. Voltou ao barracão e dele saiu carregando uma grande caixa com carne crua e arroz cozido com legumes. Muitos quilos de carne crua.

Dividiu a comida irramente entre as dezenas de pratos espalhados pelo quintal. A cachorrada se fartou: filas-brasileiros, pastores-alemães, pitt-bulls e muitas outras raças, definidas ou não, partilharam do rancho.

De volta à estrada, Geraldo puxou conversa.

- Então os cachorros gostam de você.

- Sempre gostaram. – Expliquei. – Desde criança. – Lembrei do passado. – Nunca fui mordido.

- Eu já fui. – Relembrou ao me mostrar várias cicatrizes nos antebraços e nas pernas.

Dias depois apareceu perguntando se tudo estava bem comigo.

- Sim, estou jóia.

- Não tem nenhum homem mau te incomodando?

Meus sentidos se ligaram. Havia algo estranho.

- Que tipo de homem mau? – Falei baixo e confidencialmente.

Ele me puxou para uma sala.

- Homem mau mesmo. – Disse, olhando-me no fundo dos olhos. – Desses que não merecem a graça de Deus. – Firmei o olhar e torci a cabeça, minha expressão de “explique-se melhor”. – Os cachorros falam comigo. Querem que eu ajude o senhor.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- O que eles te falam?

- Eles me xingam. – Geraldo abaixou os olhos. – Dizem que sou sujo, que não mereço a graça de Deus.

- Pensei que você gostasse dos cachorros.

- Eu gosto. – Havia muita tristeza nos olhos do tratador de cães. – Eles são vingadores do Senhor.

- Não estou entendendo, Geraldo. – Coloquei minha mão branca em seu ombro. – Conte-me tudo, sem medo.

Ele parecia carregar um peso na alma. As linhas em seu rosto tornaram-se mais agudas, fazendo-o parecer um buldogue tristonho.

- Muitos anos atrás... – Ele parou e me encarou, parecia conferir minha atenção. – eu fiz uma besteira. Uma besteira muito grande. Fiquei bêbado e ataquei uma menina. Fiz coisa feia com ela.

A confissão inesperada me deu vontade de esmurrar a cara de Geraldo, mas queria saber aonde ele chegaria.

- O cachorro da menina ficou latindo o tempo todo. Era um fox-paulistinha preto. Eu me mexia e ele me atacava. Mordeu minhas mãos e minhas coxas. – Respirou fundo. – Quando sai da menina, o cachorrinho voou em cima de mim. Mordeu meu saco e não soltou. Acabei matando-o. – Geraldo virou-se de costas. – Mas ele ficou com minhas bolas entre os dentes.

Tive vontade de rir. A justiça havia sido feita.

- Aprendi muito aquele dia. Me entreguei à polícia e fiquei preso. Paguei aos homens meu crime, mas ainda faltava pagar a Deus. – Verificou se a porta estava mesmo fechada. – Descobri que conseguia entender os latidos dos cachorros. Eles são arautos do Senhor. Quando latem para alguém, estão alertando os bondosos sobre o mau naquela pessoa. Dizem assim: “homem sujo e mau, saia daqui com seus pecados, vá-se embora e leve sua perdição consigo”. Eles sabem quando os homens fazem coisas feias. Brigam com os homens. Outras vezes, gritam assim: “pecador infiel, você é cria do demônio e não merece a graça de Deus, vou te morder e rasgar sua pele, vou comer sua carne e roer seu osso, vou te defecar, você será a bosta que deve ser”.

- E o que eles dizem para você? – Perguntei.

- Eles dizem que sou sujo, que vão comer minha bunda e minhas pernas. Dizem que preciso equilibrar os bons e os maus para pagar meu pecado com Deus.

- Equilibrar?

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Eu levo as pessoas más para os cachorros. Sou motorista, ninguém desconfia. Corto em pedaços no barracão e dou para os cães. – Respirou antes de continuar. – Eles comem, adoram. Deixam pouca coisa.

- E os ossos?

- Deixo secar ao sol e depois queimo numa fogueira.

- Quantos você já levou aos cães?

O tratador abaixou a cabeça, contando com os dedos. Mirou-me com as vistas cansadas.

- Não o suficiente.

- Geraldo, acho que posso te ajudar. – Voltei minha mão ao seu ombro. – Sei de um bandidinho que tá precisando conhecer uns cachorrinhos.

Tempos depois visitei Geraldo para dar-lhe o endereço de outro “homem mau”. Minha primeira encomenda havia sumido do mapa.

- Os cachorros são fiéis. – Falou. – Nunca deixam de fazer o serviço.

Olhei para eles. Pareciam sorridentes, com seus rabinhos abanando o ar. Nenhum latia. Estava bem tratados e, certamente, muito bem alimentados.

# CONTOS DE MÃO BRANCA

## Primeira Mão

Resolvi dar um tempo de tudo e viajar pelo nordeste. Botei algumas coisas na mochila e estiquei o dedão na estrada. Um caminhoneiro chamado Olavo Castanheira me deu carona. Depois de algumas horas batendo papo, contou uma história de sua cidade.

- Ficou muito falado nos anos setenta. – Ele era um homem forte, de dentes grandes e olhos claros. – Mas disseram muita besteira. Eu conheci a história verdadeira. – Respirou antes de continuar. – Começou quando mataram o Barbosa, marido da Isabel. Ele era um bandido pé-de-chinelo, fajuto, dedo duro, por isso os outros o apagaram, para calar a boca. Sua mulher ficou inconsolável. Jurou que daria um jeito na quadrilha do marido, os assassinos.

A noite descia no horizonte. O homem falava como se já tivesse contado aquela história milhares de vezes.

- Um a um eles começaram a morrer. Cada um de um jeito. Acidente de carro, tiro, despencado de janela, rolando em escada. A polícia notou que eram todos bandidos, os jornais fizeram manchetes, o povo dizia que havia um matador de bandido. – Sorriu e me olhou de soslaio. – Eu fui consolar a viúva. A mulher era boazuda. – Olhou para frente e continuou. – As investigações não deram em nada. Quando morreram todos que mataram o marido de Isabel, ela me chamou e disse: olha, vamos dar uma volta. Coloquei-a no caminhão e passeamos por São Paulo.

Eu acompanhava a história olhando a paisagem e percebendo a baixa velocidade do nosso caminhão na subida.

- Quando voltamos, a notícia do matador havia se espalhado. Muitos bandidos estavam morrendo em vários lugares, de modos diferentes. Isabel ficou assustada com aquilo. Um boato começou a surgir nos botecos e inferninhos, dizendo que o nome do matador era Mão Branca.

Olavo fez uma pausa dramática. Achei até engraçado, mas ele estava sério. Olhei a estrada e vi que ainda havia muita subida pela frente.

- Diziam que o Mão Branca era um ex-policial que queria limpar o crime. Diziam também que era um bandido arrependido. Ou um grupo de vingadores. Ninguém sabia, na verdade, quem era o Mão Branca. Eu nem me metia, ficava só com a viúva. – Sorriu novamente. Era simpático o grandalhão. – Isabel, coitada, acompanhava cada ação do Mão Branca nos jornais. Sofria com cada morte. Pedia para Cristo que o morto fosse mesmo bandido. Dizia que tudo começou com a morte dos assassinos de seu marido. Era, em parte, culpa sua.

O semblante de Olavo ficou triste.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Por que culpa dela? – Perguntei.

- Ela disse que o matador havia se compadecido dela e começado sua jornada de matança com os assassinos de Barbosa. Não a questioneei, sempre achei que houvesse algo mais naquela história, porém não queria saber. Estava bom demais só de colar naquela potranca.

Um grito de “CALA A BOCA” saiu de trás de Olavo logo antes do homem encapuzado. Ele apontava uma pistola para sua cabeça. Senti o cano do berro na minha nuca quase no mesmo instante. Outro encapuzado me segurou pelo pescoço. Eles haviam subido no lento caminhão enquanto conversávamos. Aos berros, mandaram Olavo entrar numa estrada de terra e encostar o caminhão. Estavam nervosos.

Juntaram-nos em frente ao pára-choque dianteiro. Um encapuzado foi para o volante e o outro nos apontou a arma. Virou-se para ver se a estrada estava vazia. Olavo rapidamente abaixou-se, pegou um pedregulho e o passou sorrateiramente para mim. Assustei-me, mas o escondi nas costas. Ele se afastou. O encapuzado gritou e foi ao seu encontro, com a arma em punho. Passou por mim sem se importar. Acertei sua cabeça com a pedra, ele caiu feito abacate podre. Olavo pegou a arma e andou decididamente atrás do outro assaltante. Disparou três tiros à queima roupa.

- Não se preocupe. - Falou. – Não furei o estofado.

- Que bom.- Tive que concordar.

- Um dia, depois de gozar duas vezes, ela me contou o resto. – Voltou-se à história que contava como se nada tivesse acontecido. – Logo após a morte do marido, ela fingiu não saber o motivo e continuou na companhia dos assassinos. Trepou com alguns deles. Quando tinha oportunidade e estava bem segura, envenenava os caras com chumbinho. Enquanto se contorciam e babavam, ela explicava o porquê estavam morrendo. Sempre disfarçava a vingança jogando o cara de uma janela ou o rolando pela escada. Só a polícia sabia a verdade, que todos morriam envenenados com Mão Branca.

- Mão Branca?

- A nome da marca do veneno era Mão Branca. Imagino que durante as investigações os policiais mencionaram o nome e alguns suspeitos espalharam. Quem conta um conto aumenta um ponto. Logo o veneno se tornou um homem, um matador de bandidos.

- Mas, e os outros bandidos que morreram enquanto vocês estavam em São Paulo?

- Outros Mãos Brancas apareceram. Existem muitos. Cada um tem seu motivo.

Sisudo, arrastou o cadáver do bandido até colocá-lo ao lado do encapuzado desmaiado, para quem apontou a arma e disparou outras três vezes. O tórax ficou com estrelas vermelhas estampadas na camisa.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Há um código – Voltou ao caminhão e saiu com o estojo de primeiros socorros. – para facilitar com a polícia. Antigamente marcavam as iniciais M e B na carne dos cadáveres. Outros escreviam cartas à polícia. Agora basta fazer isso. – Pegou uma luva plástica, cheia de talco branco, do estojo e a jogou sobre os mortos. – Os tiras vão saber que os cadáveres são bandidos, verão a luva que simboliza a mão e saberão o que fazer. Ou o que não fazer.

- Legal. – Foi o que consegui dizer.

Contornamos a estrada de terra com o caminhão e voltamos ao asfalto. O caminhoneiro ainda me explicou um monte de coisas sobre como fazer emboscadas, tocaias, onde arranjar armas e munição, como descobrir recursos. Escutei atento. Entendia vagamente que aquilo me preparava para um outro nível de participação na sociedade, deixaria de ser uma provável vítima para ser um justiceiro vingador. Gostei disso.

No último posto de gasolina antes de nossos caminhos se separarem, Olavo apertou minha mão e sorriu com seus fortes dentes.

- Tenha sempre cuidado, você está sozinho. Adeus, Mão Branca.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

### Seu sexo em suas mãos

Senti que algo estava errado.

Vi o sujeito de longe. Estava de jeans e blazer. Olhava para os lados, estava calmo e andava aleatoriamente.

Parei de andar. Recoloquei a chave do carro no bolso. Fingi olhar uma vitrine e fiquei espionando o sujeito. Passou-se uma hora.

Eu havia entrado numa loja e o olhava por dentro da vitrine. Percebi que fez uma escolha e saiu em seu percalço. Corri atrás. Dei bastante espaço entre nós; eu não poderia ser notado. O cara pulou uma cerca de arame e correu para a rua de cima. Não pude segui-lo, ele me notaria. Corri a toda velocidade ao redor do quarteirão. Parei na esquina da rua de cima e procurei a vítima e o perseguidor. Não os vi.

Andei pelo meio da rua, procurando-os. Não os achava na rua quase deserta. Apenas uns carros estacionados e casas que começavam a acender as luzes. Senti-me apreensivo. A vítima poderia estar sendo atacada naquele momento. Corri pela rua. Notei que uma casa estava com a porta encostada. Olhei pela fresta e escutei uns sons abafados. Um tapa. Gemidos. Um choro fino. Andei pelos corredores e os achei.

O sujeito sobre ela. Com as calças abaixadas, metia-se lentamente entre as brancas coxas da mulher. O rosto alvo da moça estava vermelho de choro e de bofetadas. Peguei meu chaveiro com o canivete suíço e o abri.

Entre no quarto e chutei a cara do filho da puta. Ele desequilibrou-se para trás. O sangue explodiu do nariz e pingou no pau desnudo. Bati com o calcanhar novamente no nariz e ele caiu de costas no chão. Pisei em seu pescoço.

Olhei a garota. Os grandes olhos arregalados chamaram minha atenção antes de ver sua boceta. Bati novamente o calcanhar no nariz do sujeito.

A mulher se arrumou. Levantou-se. Olhou seu estuprador.

- O que você vai fazer? - Perguntou-me.

Eu não disse nada.

- Ele tá desmaiado?

Assenti.

Ela pegou o canivete da minha mão. Decepeu o pau do cara. Em meio à cascata de sangue, segurou o saco e o cortou também. Teve mais dificuldade, rasgou a pele com o canivete várias vezes. O tarado se mexeu de dor. A mulher botou o pau numa mão e o saco na outra mão

## CONTOS DE MÃO BRANCA

do sujeito.

- Quando ele acordar sentirá seu sexo em suas mãos.

Estremeci.

Ela esperou. O homem acordou. Suas feições se contorceram de dor. Ele trouxe as mãos para o baixo ventre. Notou seus órgãos genitais nas próprias mãos. Começou a gritar. A mulher bateu com uma garrafa em sua cabeça. Ele foi a nocaute e a garrafa ainda estava intacta.

- Você tem carro? - Ela me perguntou.

Assenti.

- Traga-o aqui para você levar o corpo.

- Ele não está morto. - Adverti-a.

- Quando você voltar ele estará.

Deixei o corpo às margens da estrada oeste, perto de uma cidade vizinha.

Passei meses sem ter notícias da mulher. Certo dia a vi no centro da cidade. Senti que algo estava errado. Ela perseguia um cara.

Apurei os sentidos. Vi que o cara perseguia uma mulher.

# CONTOS DE MÃO BRANCA

## Pendurado

Fui visitar Geraldo, o tratador de cães. Não estava, notei antes de apertar a campainha; os cachorros estavam latindo na grade do portão. Se ele estivesse em casa, alguns latiriam em direção à janela do quarto para chamá-lo. Eu conhecia os cachorros.

Afaguei uns focinhos. Eram mais de vinte: seis pastores, quatro dobermans, três rottwallers, três pitt-bulls, sete mestiços de fila e outros tantos vira-latas, grandes e pequenos. Estavam magros. Não deviam estar sendo muito alimentados. Será que meu amigo estava com problemas para arrumar a comida dos cachorros? Eu poderia ajudá-lo.

Levantei a trava do portão e entrei. Alguns cachorros pularam sobre mim. Um fila abraçou meu pescoço com as patas e lambeu todo meu rosto. O bafo de carne podre me deixou nauseado. Empurrei com os braços e dei uns gritos. Acalmaram-se.

- Tor, vem cá, garoto. – O mestiço preto de fila era o líder dos cachorros, o mais forte e o mais calmo. Nunca latia. Nos dias de alimentação, esperava os outros atacarem a presa até desnordeá-la e então voava como um raio até a garganta. O rosnado que emitia era um trovão, por isso o nome do deus do trovão. – Tem comida no galpão, Tor? – Perguntei ao cachorro. Ele ofereceu o focinho como resposta. – Dengoso.

Fui até o galpão empurrando a cachorrada com os pés, eles pulavam e latiam felizes. Estava sem cadeado, ou seja, não havia ninguém lá preso. Não havia comida para os cachorros.

Geraldo não os estava alimentando. Seu costume de matar e cortar as pessoas más, depois cozinhá-las com arroz e legumes para usar como comida de cachorro era muito útil para mim. A maneira mais fácil de me livrar dos corpos. Estava com dois na mala do carro, ladrõezinhos nervosos que atiraram no filho do meu contratante. Mortinhos, mas ainda frescos. Geraldo me pedia para não esperar o corpo esfriar para entregar-lhe. Dizia que estava querendo treinar os cachorros com o sangue humano quente.

Resolvi pegar os cadáveres no carro. Dei a volta na casa e vi um belíssimo cajueiro carregado. Dezenas de gordos e suculentos cajus vermelhos. Alcancei um galho com a mão e levantei a outra para pegar um caju. Um pitt-bull avançou na minha coxa e cravou todos os dentes.

Um vira-latas meio buldogue fispou a batata da perna e outros avançaram nas canelas. Assustado, e com muita dor, pensei em lutar contra os cachorros mas percebi que seria derrubado assim que soltasse do galho. Alcei-me do solo com os dois cachorros pendurados. Peguei outro galho ainda mais alto e levei o corpo para cima, prendendo os pés nos galhos mais altos. O

## CONTOS DE MÃO BRANCA

buldogue se soltou, caindo sobre a matilha, que pulava para me alcançar.

Soquei o focinho do pitt-bull tentando tirá-lo da minha perna. Ele apenas rosnava e fincava mais os dentes. O cachorro ficou pendurado apenas pela minha coxa esquerda. Tentei sufocá-lo mas não consegui, a dor me atrapalhava.

Cravei, desesperado, os dedos nos olhos do cachorro. Ele ganiu quando furei suas órbitas e puxei os nervos oculares dilacerados para fora. Sua mandíbula, contudo, não esmoreceu um milímetro. Com a dor, e a raiva, o cachorro mastigou minha perna, cortando fundo até o osso. Minha visão escureceu e temi cair da árvore no meio dos enfurecidos cães que ladravam e tentavam alcançar o meu galho. Segurei firme e esperei. Meus olhos logo se recuperaram mas a claridade me deixou tonto.

O cachorro ainda arrebentava minha perna. Soquei seu focinho mas isso só aumentou a pressão da mandíbula. Sem saber como me soltar, pensei em Geraldo e em sua ausência de testículos. Eles foram arrancados por um fox-paulistinha. Olhei no meio das pernas traseiras do pitt-bull à procura do sexo. Era uma fêmea. Eu teria tentado esmagar o saco do cachorro.

Cansado por carregar uma cadela de trinta quilos pendurada na perna e sofrendo pela dor e falta de sangue, temi novamente cair. Subi mais um pouco, desafivelei o cinto das calças e o preendi ao redor de um galho. Não sabia o que fazer para soltar a monstra que ruminava minha coxa. Cutuquei mais um pouco as feridas nas córneas mas ela voltou a forçar a mordida. Parei para pensar em como me livrar daquela enrascada. As coisas ao redor moveram-se para a esquerda como num redemoinho e desmaiei.

Acordei sem a cadela na minha perna. Eu estava preso pelo cinto e sentado num galho. Se não tivesse me afivelado na árvore, o banquete dos cachorros estaria garantido. Olhei a matilha. Estavam mais calmos mas ainda atentos a mim. Alguns latiam, porém a maioria aguardava sentada. A cadela que eu cegara andava trôpega e sem direção, ganindo baixinho. Devia ter enjoado por comer minha coxa.

Meu sangue escorria e pingava sobre os cães, que o lambiam nos próprios rostos e dorsos. Tirei a camisa e a amarrei em volta da perna. A dor me impedia de movimentá-la, eu não conseguiria correr para fugir.

As horas passaram lentas e tensas. O vento assustou algumas vezes, quase me derrubando. O cansado, a dor e o sono também me afetavam intermitentemente. Elaborei dezenas de planos de fuga, mas nenhum me convenceu a tentar sair da árvore. Eu estava preso. Ao menos devorei dezenas de cajus maduros, suculentos, grandes como um punho e gostosos como a fruta que amadurece no pé.

Geraldo chegou naquela noite. Ao me vir, prendeu os cães antes de me tirar da árvore.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Seu idiota, o que estava fazendo?

- Os cachorros me atacaram, Geraldo.

Ele me olhou com estranheza nos olhos.

- Acho que eles não gostam mais de mim, meu amigo. – Confessei. – Entrei na sua casa sem nenhum problema. Brinquei com o Tor, passei pelo balcão e tudo estava bem. Quando tentei pegar um caju, avançaram sobre mim com gana. Levei mordida de todo lado. – Sorri. – Eles devem gostar muito de caju.

- Seu burro. – Gritou Geraldo. – Burro.

- O que fiz?

- Não, - explicou Geraldo – o burro sou eu. Devia ter te contado. Eu estou fazendo um novo treinamento com os cachorros. Eu os deixava sem comida durante dias e depois pendurava um corpo nos galhos do cajueiro. Prendia-o pelos braços. Os cachorros ficavam perambulando ao redor. Cortei um pedaço da pele e joguei para os cães. Eles aprenderam. – Seus olhos brilhavam. – Sempre que eu trazia um corpo, eu o amarrava pelos braços no cajueiro e saía de perto. A cachorrada avançava e destroçava a parte de baixo do cadáver em minutos. Depois eu preparava a parte de cima do corpo com arroz e legumes. Você sabe, os cachorrinhos precisam das vitaminas dos legumes.

- Sei. – Massageei minha perna que pulsava, inflamada. – Legumes...

- Semana passada trouxe para cá o Zé da Luz, aquele bêbado filho da puta. – Um burocrata corrupto que aceitava qualquer propina em troca de favores na administração do município. – Enchi o cara de pinga para amolecer a carne. Quando desmaiou, o amarrei pelos ombros naquele galho que você subiu – Olhou-me com repreensão. – e soltei a cachorrada. O sacana acordou na primeira mordida. – Riu-se por lembrar da cena. – Os cachorrinhos arrancaram toda a carne da cintura para baixo. O Zé ainda estava vivo quando me aproximei para rasgar sua pança com uma faca e despejar os miúdos pelo chão. Os cachorrinhos adoram o coração e o fígado.

- Aquele cara não tinha coração. – Emendei.

- Nem fígado! – Gargalhou o tratador de cães. – Era um pedacinho de carne corroído pela bebida. O cachorro que o comeu, Pulgão, ficou até bebum.

Olhei o Pulgão no canil. Ele tinha esse nome pois dava grandes saltos. Aproximei-me e estendi a mão, ainda meio suja de sangue. Ele a lambeu e balançou, feliz, o rabo. Aqueles cães eram realmente adestrados, só comiam o que lhes era ensinado.

Ouvi uma pancada. Era Geraldo acabando com o sofrimento da cadela pitt-bull que eu cegara.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Vou embora cuidar dessa ferida. – Gritei para o meu amigo.

- Espere. – Ele veio correndo. – Você nunca vem me visitar. Certamente trouxe trabalho.

Lembrei dos corpos dos ladrõezinhos que estavam no meu carro.

- Ih, acho que já esfriaram. – Procurei as chaves no bolso. – Você os pega para mim?

- Vou chamar o Tor. – Voltou para o canil e logo apareceu o cachorro trotando, veio balançando o rabo. – Ensinei um novo truque. – Disse Geraldo.

Abri o porta-malas do carro. Os cadáveres já estavam endurecidos. Arranquei os corpos e os joguei no chão. O cachorro pegou o primeiro pelo pescoço e o arrastou até dentro de casa. Voltou para pegar o segundo.

- Impressionante. – Falei para Geraldo. – Qual a recompensa que ele recebe?

- O Tor é um cachorro sábio. – Coçou o queixo. – Ele gosta de ganhar uns pedaços de queijo.

- Queijo?

- Deve ser de tira-gosto. – Ele me olhava com o semblante sério. Depois olhou para as feridas nas minhas pernas e novamente para mim. Gargalhou com todos os dentes.

- Muito engraçado. – Fingi que ri, entrei no carro, buzinei um tchau para Geraldo e peguei a estrada para casa. Logo a posição de dirigir ficou incômoda e as feridas voltaram a sangrar. A dor trespassava a perna em intervalos irregulares. Abri o zíper e botei o pinto para fora. Eu precisava falar com ele.

- Sei agora como você se sente. – Levantei a cabeça do pênis para que o buraco tivesse ângulo para olhar para mim e assentir uma resposta. – Ficar pendurado não é fácil. – Gargalhei mentalmente. Despedi-me do meu pinto e o guardei nas calças. Continuei pilotando para casa tentando não sentir dor.

# CONTOS DE MÃO BRANCA

## O segredo do Smoking

A seca estava me matando!

Ninguém tinha maconha. Eu já havia procurado todos os viciados que conhecia e ninguém tinha nada. Nem ao menos uma salva para amenizar a vontade.

A polícia queria receber um aumento de salário do governador e tentava mostrar serviço. Havia furado todos os carregamentos de drogas vindos de outros estados. Os policiais eram bem remunerados para fechar os olhos ao tráfico de erva, mas naqueles dias mudaram a rotina. Tolerância zero.

O telefone tocou. Era o Dan. Eu pouco o conhecia mas sabia que ele era um usuário compulsivo.

- Você ainda quer arrumar o vídeo-cassete? Tô com o canal. - Ele falava em código. Tinha medo de ser interceptado no celular. Vídeo-cassete era maconha. - Tem DVD também. - DVD devia ser cocaína.

- Só o vídeo. Tá quanto?

- Tem que pegar lá na serra. - Explicou antes de falar o preço. A serra era um lugar pouco hospitaleiro. - Meio por quatrocentos.

Estava barato. Normalmente meio quilo de maconha custaria quinhentas pratas. Eu só consumia cinquenta gramas por mês, mas sabia que o Dan consumia bem mais. Se a gente comprasse meio quilo àquele preço, quatrocentos, eu poderia revender cada cinquenta gramas por cinquenta pilas. Dos duzentos e cinquenta que seriam meus, recuperaria os duzentos do investimento inicial e ainda ficaria com cinquenta gramas livres para mim.

- Topo. - O problema era buscar a maconha na serra, um lugar pobre e violento. Vambora?

- Eu te pego na esquina. - Desligou.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

Enquanto esperava comprei um pacote de papel de cigarros na banca de jornal. O Gol GTI vermelho apareceu e logo voamos pelas estradas para a serra. Um grande baseado surgiu nas mãos de Dan.

- Isso é maconha ou um charuto cubano? - Diverti-me com o tamanho do cigarro.

- É o último. - Falou Dan enquanto dirigia com os joelhos. Ele acendia o baseado protegendo-o do vento da janela.

- Esse baseado tem maconha para eu usar durante dois dias. Você é muito exagerado.

Fumamos tudo antes de passar por um posto policial. Chupamos balas e mantivemos os vidros abertos. Eu sentia meus olhos escorrendo pelo rosto. Dan diminuiu a velocidade e acenamos para os homens da lei. Logo ele afundou o pé e deslizávamos pelo asfalto com um risco vermelho na paisagem.

Coloquei o cinto de segurança e confiei na pilotagem do motorista. Durante todo o dia, sempre que eu comentava os bons atributos do carro, Dan acelerava mais e fazia curvas usando a tangente. Ele cortava os outros carros e assustava os pedestres. Eu apenas ria; estava muito doído para reclamar.

Chegamos numa oficina mecânica. Um lugar humilde, com apartamento em cima. Dan teclou no celular e falou que "já estava esperando".

- Logo ele desce. - Falou.

- Ele é seu amigo? - Perguntei.

- Aqui ninguém tem amigo. - Ele falou e eu concordei. - Ele me considera. Apenas me considera. - Dan usava um grande óculos-escuros redondo e colado no rosto. Eu não via seus olhos. - Ontem tentei fazer uma correria. - Correria era como ele chamava uma compra de maconha. Ele ia direto aos traficantes, dispensando os intermediários, economizando uma boa grana com isso. - Não achei nada.

Um homem desceu do apartamento. Menos de trinta anos mas curvado como um velho, sem camisa e com tatuagens grosseiras. Dan me apresentou e o homem apenas meneou a cabeça.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Cumé? - A voz era baixa e mal pronunciada. - Vai pegar o quê?

- Da preta. - Disse Dan.

- Maconha não tenho mais. Cabô. Ninguém têm. - Falou o homem. Ele limpou com um pano velho a lanterna de um Fiat 147 e depois enxugou a testa.

- Mas você disse que tinha! - Reclamou Dan, com uma ênfase que achei desnecessária.

- Vai bronear? - O homem virou-se e voltou para a escada. - Não é culpa minha. Os canas pegaram as "missão". - Uma missão deveria ser o carregamento. - Deram uma prensa no Neguim e ele entregou tudo. Neguim filho-da-puta. Tem gente que vai matar ele.

- O Nivaldo tem? - Perguntou Dan.

- O Nivaldo quer me matar. - O homem subiu dois degraus da escada. - Não sei. Dizem que tem. Eu não vou lá.

Voltamos pro Gol e Dan disparou como um foguete. Chegamos à entrada de um conjunto residencial humilde. Ruas de asfalto cruzavam com ruas de terra batida. Os lotes eram cercados por altos muros de alvenaria, com cacos de vidro ou pontas de ferro no umbral. Não haviam espaços entre os lotes. Todo o lugar parecia um grande labirinto de cimento.

O carro acelerou e freou a cada esquina. Perdi-me no meio de tantas curvas. Fiquei mais tempo prestando atenção às garotas da rua que o caminho que percorríamos.

- Quanta gostosa!

- A maioria é feia. São as raimundas do lugar. - Ele também estava notando a quantidade de garotas andando nas ruas ou simplesmente paradas em frente aos muros.

Dan encostou o carro e ligou pelo celular. "Tô na frente de seu portão".

- Ele já tá vindo. - Virou-se para mim. - Tá na rua de cima.

Logo chegou o traficante. Uns vinte anos, magrelo, de bermuda e sandália.

- Não tô ficando no barraco porque a polícia tá atrás de mim. - Explicou enquanto apertava nossas mãos. Olhou para o maço de cigarro no bolso do Dan. - Sabe como é, né? Ex-presidiário, eles têm minha foto. Tem um pito? - Dan acendeu um cigarro e o deu para ele. -

## CONTOS DE MÃO BRANCA

Minha mulher também tá fugida. Tô sem a chave. - Olhou para os lados e escalou o muro como um macaco. Segurou-se pelos trincos do portão. - Tomara que os ladrões não me vejam fazendo isso. - Comentou antes de pular para dentro do lote.

"Eles não conseguiriam pular o muro desse jeito", pensei, "acho que esse traficante tá na profissão errada". Em instantes o portão estava aberto e o magrelo nos chamava para dentro. O muro escondia um humilde barraco de madeira. Limpo, organizado, mas um simples barraco de teto de zinco e chão de cimento com Xadrezinho.

- Quer farinha? - Perguntou.

- Não, só erva. - Respondeu Dan.

- Vou parar de mexer com erva. - Ele resmungou e abriu a máquina de lavar roupa. Puxou uma caixa de sabão em pó e esparramou o conteúdo sobre a tampa da máquina. Com o sabão caiu alguns pacotes de maconha. - Coca dá mais lucro.

- Quanto? - Dan pegou um pacote e o abriu. Cheirou o conteúdo e me passou para provar também. Devia ter umas trinta gramas.

- Cinquenta.

- Tá doido? - Retrucou com a mesma veemência da outra vez. - Nem vale vinte.

- Ninguém tem, cara. - O magrelo tomou o pacote das mãos de Dan. - O Magno tá passando quarenta por setenta.

- Vamos levar uma pedra? - Dan me perguntou. - Só de garantia?

- Claro. - Puxei a carteira e paguei ao traficante. Aquela quantidade me supriria por uma semana.

Antes de sair Dan perguntou pelo Nivaldo. Eu achava que o magrelo fosse o Nivaldo.

- O Nivaldo apagou um cara da minha área. Não quero sabe dele. - O celular do magrelo tocou e ele disse que já ia abrir o portão. - Dizem que ele tem, não sei. - Outros consumidores apareceram pelo portão. Um loirinha com o vasos arrebatados no nariz e um garotão bem vestido e sorridente.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Quanto tá a branca? - Perguntei pela coca. Queria me manter informado.

- Cinco gramas por setenta. - Ele olhou para o casal, anunciando também para eles o preço. - Tenho balança eletrônica aqui em casa.

Procuramos o Nivaldo durante horas pelas ruas da região. Conversamos com os mais amalucados tipos. A maioria dizia que sabia onde ele estava. Entrava no carro do Dan, levava-nos para algum bar ou para a casa de alguém e depois desconversava. Pareciam apenas querer passear no Gol. Fumamos uns cinco baseados durante as buscas. Dan pilotava e eu preparava os cigarros com o papel que havia comprado na banca de jornal. Eu sentia que logo me perderia definitivamente naquelas ruas muradas.

Finalmente avistamos os amigos do Nivaldo. Dan aproximou-se com o carro de um grupo que estava apoiado nas escadas de uma casa. Um garoto armado encostou na janela.

- Quié? - Olhou bem para o Dan e depois para mim.

- Maconha. - Respondeu o Dan, secamente. Ele perguntava tanto pelo Nivaldo que achei que ele tivesse alguma intimidade com o cara. Parecia que não.

- Só tenho da branca. - O garoto olhou de volta para seu grupo e falou aos berros. - Você tem maconha, Magno? - Um rapaz encorpado confirmou com a cabeça. Nivaldo voltou-se para o Dan. - O Magno tem.

- Magno? Não, obrigado. - A marcha já estava engatada e Dan acelerou o carro. Rapidamente voltamos à pista principal.

- O que houve? - Perguntei. - O tal Magno tinha maconha.

- Esse Magno matou um conhecido meu. Não gosto dele. - Dan trocou de marcha e acelerou pelas ruas. Acendeu mais um baseado, "para relaxar" falou, e voltamos à oficina.

O tatuado apareceu novamente.

- O Nivaldo tá andando com o Magno. - Falou Dan assim que chegou-se ao tatuado.

- Então é sujeira! - O tatuado concordou. - O Magno foi o cara que matou no assalto da rodoviária. Ele levou toda a "missão" do pessoal. Querem descobrir onde ele tá se escondendo.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Ele tá lá com o Nivaldo. - Reafirmou Dan.

- Não quero nem saber. - O tatuado abanou o ar como se espalhasse um peido. - Dizem que ele roubou uns cinco quilos.

Despedimo-nos. Dan me contou que vários traficantes da região combinaram um carregamento num ônibus de linha. O Magno descobriu o plano, matou o aviãozinho num assalto e ficou com a tal "missão". Cinco quilos, segundo o tatuado.

Desistimos da correria naquele dia. "Não vamos conseguir nada hoje" falou Dan.

Quando entrei em casa notei que havia esquecido de pegar um pouco da erva que havia comprado. Tinha deixado tanto a maconha quanto o papel para os cigarros no carro do Dan.

Durante a noite senti-me indócil. Pensava nos assassinatos dos traficantes e no roubo do tal Magno. Ele era apenas um garoto mas já havia matado.

Eu também. Ao menos eu já era um homem.

Decidi voltar à serra. Eu realmente queria um baseado para fumar.

Peguei o capacete da moto e a chave. Procurei minha jaqueta de couro. Lembrei que a havia esquecido na casa de uma namorada. Procurei o casaco mais pesado que possuía. O vento noturno até a serra seria avassalador; eu precisaria de proteção. Não achei nada que servisse, apenas um velho Smoking que aluguei para um casamento. Esqueci de devolver e como ninguém cobrou acabei guardando-o para mim.

Agasalhado como um pingüim, rodei de volta à serra. Fui direto à casa onde vi o Nivaldo e o Magno. Não havia ninguém na frente, já era mais de meia noite. Bati palmas. Uma luz acendeu e logo o Nivaldo apareceu. Ele parecia raivoso. Tinha uma pistola na mão.

- Tá louco? - Apontou a arma para minha cabeça. - Quié?

- Quero comprar maconha.

Nivaldo não me reconheceu. O capacete escondia meu rosto. Ele manteve a arma.

- Aqui não tem droga não! - A voz era rápida. - O que você quer?

- A maconha do Magno. - Respondi. - Sou cliente limpeza.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Quanto?

- Cinquenta.

Ele abaixou a arma. Viu que realmente era negócio e não assalto ou polícia.

- Magno. - Gritou Nivaldo. O encorpado apareceu na porta. - Quanto ainda tem? Tem um cinquenta? - O encorpado confirmou. - Quanto tá? - O encorpado levantou sete dedos. - Setenta pratas. - Disse-me Nivaldo.

- Setenta? - Perguntei, assustado com o preço. - Tá muito caro.

- Tá me tirando? - Nivaldo apontou novamente a arma para mim. - Vai querer ou não?

Peguei o dinheiro do bolso e o estendi para o traficante. Ele o contou e o passou para Magno.

- Leva esse motoqueiro para pegar cinquenta de erva.

Magno entrou na casa. Instantes depois um portão lateral abriu-se e uma pequena moto apareceu. O encorpado ficava ainda maior sobre ela.

- Segue ele. - Disse-me o traficante.

Não gostei daquela maneira de negociar. Queria ir embora logo com meu pacote de maconha. Segui o encorpado por várias ruas. Ele sumia nas curvas mas eu o alcançava nas retas. Minha moto era mais potente. Chegamos ao final de uma rua sem saída. Magno abriu um portão e entrou no lote. Quando o segui vi que era uma passagem para uma grande área abandonada. Andamos alguns minutos na trilha do mato. Sua moto parou e Magno desceu. Procurou alguma coisa entre uns tijolos ao lado de uma árvore. Quando se virou com o pacote de maconha nas mãos, acertei sua testa com um tijolo.

Eu havia notado que o lugar era ermo. Magno não estava prestando muita atenção à minha presença. Quando ele desceu para procurar algo no mato, imaginei que grande parte do roubo estivesse ali escondida. Muitos traficante tinham mania de guardar suas drogas longe do local onde faziam a negociação, segurança contra a polícia. Desci da minha moto e apanhei um tijolo. Bati com força na cabeça do encorpado.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

O traficante tombou sem emitir nenhum som. Fucei o lugar onde ele havia pegado o pacote de maconha e encontrei uma lata de tinta cheia de pacotes. Devia ter ainda dois quilos de erva. Revistei o corpo do Magno. Achei um revólver trinta e oito, um celular, meu dinheiro e uma carteira de couro com umas cem notas de cinquenta. Guardei a arma num bolso do Smoking e o dinheiro no outro. O celular destruí com a sola do pé.

Cortei o pneu da moto do traficante com meu canivete. Pensei em rasgar a garganta do canalha; logo ele morreria de outra forma mesmo. Bandido tem vida curta. Decidi deixá-lo viver pois eu havia conseguido um tremendo lucro naquela noite.

Voltei com minha moto para a casa de Nivaldo. Parei mais distante, mantive o motor ligado, apaguei o farol e bati palmas novamente. Nivaldo apareceu na porta sem a arma; deve ter reconhecido minhas palmas ou o ronco da minha moto. Mirei o revólver e apertei o gatilho seis vezes. Vi o corpo do traficante ser atingido e depois cair pela escada. Limpei minhas digitais com a manga do Smoking e joguei a arma em cima do corpo. Ele ainda se mexia. O tiro deve ter sido de raspão.

Rodei de volta para casa pensando porque havia atirado em Nivaldo. Eu não tinha uma resposta. Talvez eu não gostasse dele, talvez não gostasse de gente violenta. O medo que ele incutia aos outros traficantes aumentava o terror das rixas na favela. Os tiroteios atingiam muita gente.

Passei numa loja de conveniência de posto de gasolina e comprei outro pacote de papéis de cigarro. Gastei o resto da noite preparando e fumando baseados.

No outro dia acordei com o Dan batendo na porta do apartamento. O dia ia longe.

- Arrumei uma parada. - Falou quando abri a porta. - Vamos fumar!

Ele entrou na sala. Olhei ao redor para ver se havia algo fora de lugar. O Smoking estava jogado no chão do quarto.

- Senta ai na sala. Vou botar uma camisa. - Corri para fechar a porta do quarto. Percebi que o Dan me olhava disfarçadamente.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Hoje de manhã voltei na serra. - Começou a falar enquanto eu trancava a fechadura. - Depois fui lá no setor de motéis. - Ele procurava algo nos bolsos. - Ninguém tinha maconha mas achei isso. - Dan exibiu uma bolota de haxixe.

- Quanto foi? - Perguntei.

- Vinte cada bola. Comprei quatro por setenta. - Ele sorria de satisfação com o bom negócio.

Dan secou o tabaco de um cigarro, esquentando-o com o isqueiro. Pegou um pedaço de papel laminado e derreteu um quarto de uma bola de haxixe. Cheiramos a fumaça que exalava e fiquei tonto em segundos. Ele esfarinhou a massa de haxixe e a misturou no tabaco seco. Apertou um fino cigarro com o novo papel que eu havia comprado.

- Puxa devagar. - Mostrou como eu devia fumar; em pequenas inalações.

Ao final do cigarro não sabia se estava tonto ou apenas alucinado. Não conseguia manter os pensamentos coerentes. Conversamos algumas bobagens. Eu tratava de um assunto e o Dan de outro. Logo desistimos de conversar e ficamos olhando o nada, pensando cada um numa loucura.

Dan enfiou a mão no bolso e puxou o pacote de papel de cigarro que tinha ficado com ele. Colocou-o sobre a mesa. O pacote tombou sobre a aba e pousou sobre a mesa formando um triângulo. A caixa era vermelha. O novo papel que eu havia comprado era cinza, mas a diagramação era a mesma.

- Vou te contar um segredo. - Dan falou. - O segredo do Smoking.

Assustei-me. Toda a tontura que eu sentia pareceu sumir por um instante. O Dan deve ter visto o Smoking jogado no chão do quarto. Os tiros contra o Nivaldo já deviam ser notícia na serra. Somou dois e dois e sacou que fui eu quem aprontou na noite anterior.

- Lá na serra tá a maior confusão. - Ele segurou o pacote de papel enquanto falava. - O Nivaldo e o Magno estouraram as bocas de outros traficantes. Foi tiro pra todo lado. Disseram que estavam revidando o ataque de um motoqueiro. Uns três caras morreram. O Nivaldo levou

## CONTOS DE MÃO BRANCA

bala e o Magno fugiu. A polícia prendeu um monte de gente. Eu mesmo fui revistado. - Dan me olhou e balançou o pacote em frente ao rosto. - Tudo por causa do Smoking.

Minha cabeça trabalhou a mil por hora. Imaginei que se ele fosse me dedar pros traficantes, não estaria falando comigo. Nem me entregaria pra polícia. Devia estar querendo alguma vantagem com a informação. Uma chantagem.

- O Smoking sempre fica aberto. - Ele olhou o pacote de papel. - Eu sempre tentei fechá-lo guardando-o no bolso ou colocando alguma coisa em cima. Nunca dava certo. O pacote sempre abria. - Ele colocou o pacote de papel na mesa, sobre a própria aba. Ficou na mesma posição triangular. - O Smoking estava nessa posição em cima do painel do meu carro. Um tira viu de longe o pacote e me mandou parar o carro. Revistou tudo. - Ele balançava a cabeça. - Ainda bem que eu não tinha nada naquela hora.

- Smoking? - Eu não estava entendendo a história.

- O nome do papel de cigarros é Smoking! - Dan estendeu o papel e vi o nome impresso na aba do pacote. - O segredo do Smoking é deixar o pacote virado para baixo. - Ele botou o pacote na mesa. - Assim o nome do papel fica virado para cima. Serve como propaganda. - Ele abriu um grande sorriso. Sua descoberta era simples e também interessante. Olhei com curiosidade o pacote de papel e notei que Dan estava correto. O pacote devia ser guardado de cabeça para baixo, assim o logotipo com a palavra Smoking ficavam bem à vista. - Só descobri o segredo do Smoking quando tava sendo revistado pelo tira. - Sorriu mais ainda. - Só lembrei disso agora!

O policial, quando viu o papel, deve ter desconfiado que o dono do carro era um maconheiro e fez um revista geral.

Olhei para o Dan e sorri. Ele havia descoberto o segredo do Smoking, o pacote de papel para enrolar cigarros de maconha. O meu segredo do Smoking, do roubo aos traficantes, estava protegido.

# CONTOS DE MÃO BRANCA

# CONTOS DE MÃO BRANCA

## Menina de braços

Vi o caso nos jornais antes de ser contratado pelo tio da menina. Ele quis vender um chevete para me pagar. Quando soube, cobre apenas a estadia e o rango.

- As balas ficam por minha conta. – Disse, com um sorriso mal-humorado.

A menina de catorze anos estava em casa lavando a louça. A mãe trabalha como doméstica e passa o dia no serviço. A irmã mais velha havia saído para fazer um curso no Sesi e deixou a irmã em casa.

- Não abra a porta para ninguém. – Alertou.

De repente, às dez e meia da manhã, a casa foi invadida. Um homem negro e sem camisa agarrou a menina com uma gravata e a jogou no chão. Segurou-a de braços, prendendo sua cabeça com o pé. Tirou as próprias calças e arrancou a roupa da menina. Estuprou-a por vinte minutos. Depois vestiu-se e foi embora. A menina chorou até ser encontrada pela irmã ao meio dia, desamparada e nua no piso da cozinha. Está em choque até hoje.

- O que a polícia descobriu sobre o canalha? – Perguntei ao tio da vítima.

- Nada. – Abaixou os olhos, inconsolável. – Minha sobrinha não viu o rosto do estuprador. Foi atacada pelas costas...

- Difícil ... mas não impossível.

Hospedei-me numa pensão no bairro da garota. Investiguei durante dias mas nada descobri. Parecia, até, que o estuprador havia desaparecido. Normalmente os crimes sexuais eram cometidos por conhecidos das vítimas, que atacavam de tocaia, em dias e horários determinados. O negão que eu estava procurando não devia pertencer àquele bairro.

Desisti depois de uma semana. Não havia descoberto nada, estava na mesma situação que a polícia. Informei ao tio da garota que continuaria pesquisando, mas talvez não conseguisse vingar a coitada.

- Não desista, moço, por favor. – Ele pediu. – A minha sobrinha era uma menina de ouro, alegre e muito prestativa. – Vi o brilho de ódio nos olhos do homem. – Ela era um doce. Agora acha que tudo foi culpa dela, que nenhum homem irá querê-la pois foi desvirginada num estupro. – Ele apertou os olhos com força. – Ela diz que a vida acabou. Uma menina de catorze anos.

- Uma menina. – Repeti.

Passei meses tentando encontrar alguma pista, algum vestígio, que pudesse me levar ao criminoso. Não achei nada. A única coisa que eu sabia era que o homem era negro, estava sem camisa quando atacou a menina e que era muito forte, pois ela nem pôde se mexer. Essa última

## CONTOS DE MÃO BRANCA

informação podia ser contestada, pois para uma garota magrela de catorze anos qualquer adulto pareceria forte.

Anos se passaram; nunca me conformei por não dar cabo daquele monstro. Sempre investigava os casos na esperança de encontrar alguma pista. Nosso encontro, contudo, deu-se de forma imprevisível.

Eu jogava bola num sábado de tarde. No time adversário entrou um negão magro e ágil. Na primeira dividida ele me acertou a panturrilha. Cai de peito na grama.

- Caiu de bruços. – Falou o negão. – Do jeito que eu gosto. – E sorriu com sua dentição branca e perfeita.

Ele estendeu a mão e me levantou. Sorri.

- De bruços?

- Adoro derrubar atacantes. – O homem tinha mãos firmes e cascudas. – E adoro mulheres de bruços.

- Eu também. – Falei amistosamente. – Principalmente bem novinhas.

- Quanto mais novinha, melhor. – Saiu correndo atrás da bola. Esperei uns segundos para traduzir o olhar que ele deu antes de voltar ao jogo. Ele parecia pensar no passado com prazer. Um prazer malicioso.

Tratei de fazer amizade com o cara. Bebemos cervejas após os jogos, falamos sobre antigos casos amorosos, comemos o mesmo torresmo. Em poucas semanas já éramos amigos. Chamei-o para beber umas e outras num boteco em frente a um colégio de adolescentes.

- Olha aquela garota. – Apontei com o nariz uma moça de cabelos longos, seios estufando a blusa e longas pernas musculosas. – Que delícia. – Comentei.

- Prefiro aquela. – Mostrou uma menina bem nova, com pequenos caroços no lugar dos seios e andar de criança. – Virgem, infantil e bem fraquinha.

- Fraquinha? – Indaguei sorrindo, porém por dentro queria arrancar a cabeça do canalha.

- As fraquinhas são mais fáceis de segurar.

- Segurar para quê? – Eu conversava olhando as garotas. Fingia que o papo era casual, pouco me interessando.

- Para botá-las de bruços e mandar ver!

Olhei de soslaio meu colega de mesa. Ele estava absorto em lembranças.

- Vai mais uma? – Ofereci. – Tô pagando!

- Claro. Desce mais.

Pedi uma cerveja atrás da outra. Sempre que dava, empurrava uma dose de cachaça para meu parceiro.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Acho que tô ficando bêbado. Vou parar com a pinga.

- Garção! – Chamei. – Meu amigo não quer mais cachaça. Traga uma cerveja e um uísque.

- Uísque? – Perguntou o sacana.

- Claro. Não é sempre que encontro uma pessoa como você. – O negão sorriu envaidecido, não sabia o que eu planejava fazer. – Mas, diga-me, você já pegou muitas garotas novinhas?

- Uma ou outra. – Respondeu. – A maioria era puta.

- Qual foi a melhor?

- A melhor? – Coçou o queixo, tentando ativar a memória. – A melhor foi uma menina que nem viu minha cara. Fugi sem problemas.

- Como assim? – Fingi não entender o que ele falava.

- Entrei na casa ... de uma amiga. Tinha uma menina na cozinha. Eu a agarrei por trás e a safada logo começou a rebolar. Tentou fugir mas eu sei que ela estava querendo pica. Segurei a putinha e mandei brasa. Ela ficou gemendo e chorando. Um tesão.

- E depois? – Enchi os copos de cerveja.

- Depois fui embora. Nunca mais a vi.

Uma garota passou ao lado de nossa mesa. Era novinha, usava o uniforme do colégio. A saia ondulava em suas nádegas juvenis no ritmo do seu caminhar. Seguimos seus passos com os olhos.

- Que tal a gente catar umas putas? – Perguntei.

- Por que a gente não pega essa daí? – Empurrou os olhos em direção à menina de saia.

Refleti o mais rápido que pude. Eu deveria tomar conta da situação para conseguir cumprir meu intento, acabar com o sujeito, porém não queria me arriscar numa briga com o negão. Nunca fui bom em brigas, quase sempre mais apanhei que bati. Nem queria me arriscar a ser pego pela polícia ou desmascarado.

- Pegar como? – Fingi, mais uma vez, não entender.

- A gente a segue e, quando der, a colocamos no carro. – Ele lambeu os beiços. – Daí pra frente é festa.

Ele gostava de estuprar. Divertia-se assim. Achava, até, uma coisa alegre e interessante. Nunca deve ter pensado em como se sentiam as meninas.

- Certo. Vamos só tomar mais uma! – Conclui.

Servi seu copo, enchendo-o até a boca. Pedi ao garçom outra cerveja e duas doses duplas de uísque. Bebemos e falamos sobre amenidades. Eu sabia que o álcool iria fazê-lo esquecer o

## CONTOS DE MÃO BRANCA

crime. Eu também estava embriagado, mas havia me preservado desde que chegamos no bar. Minha bebedeira era bem menor que a dele.

Saímos do bar com uma garrafa de conhaque debaixo do braço. Conversávamos como velhos amigos. Tropeçamos em calçadas e entornamos no gargalo. Percebi que logo ele iria chapar. Convidei-o para beber em minha casa, entramos no meu carro e em alguns minutos meu companheiro dormia profundamente o sono dos bêbados.

Quando acordou, estava nu, amarrado com as mãos nas costas e escorado no capô do meu carro. Olhou para os lados e me viu. Eu acendia o baseado que acabara de apertar.

- Finalmente a Cinderela acordou. – Traguei a fumaça e a segurei no pulmão. – Tá desconfortável?

- O que houve, cara? Por que eu tô amarrado?

- Preste muita atenção! – Soltei a fumaça. – Não vou falar duas vezes.

O homem olhou para todos os lados, tentando imaginar onde estava. Nunca descobriria; eu o havia levado para outro município e estávamos numa estrada de chão que chegaria a alguma fazenda da região. Naquela hora da noite ninguém passaria por ali.

- Tá prestando atenção? – Perguntei e ele respondeu afirmativamente. – Ótimo. – Apontei para um grande monte de terra marrom. – Tá vendo esse formigueiro? São saúvas da espécie Louca, que vieram da África e comem carne, entre outras coisas. Pelo tamanho do formigueiro, deve ter uns três anos ou mais. Imagino que exista mais de um milhão de formigas ali.

Ele olhou o formigueiro sem atenção. Estava tentando soltar as mãos. Acertei sua cabeça com a coronha do meu revólver.

- Continuando: se um homem se jogar de bunda sobre o formigueiro e sair pulando e correndo, as formigas não o picarão. Mas se ele não conseguir se levantar, em poucos minutos estará coberto de saúvas. – Traguei novamente o baseado. – As picadas de saúva não têm veneno, é a força da mandíbula da formiga que corta a pele e a infecta com micróbios. Se um homem ficar preso num formigueiro, demorará umas cinco horas até morrer de hemorragia pelos cortes das picadas.

- Você vai me prender no formigueiro? – Perguntou o estuprador.

- Não. Você ficará livre para fugir. – Ele soltou o ar, estava apreensivo. – Mas não será moleza. Primeiro você deve me responder uma pergunta. Depende da sua resposta o futuro que lhe reservo.

- Que pergunta?

- Você já pegou alguma menina sem que ela deixasse?

- Claro que não, doutor.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Doutor? Você já puxou cadeia?

- Foi bobagem, Doutor, apenas 171.

O cara era um mala de presídio. Apertei os dentes ao pensar que se a Justiça fosse correta, canalhas como ele não estariam nas ruas.

- Você conhece bem a cidade? - Ele afirmou com a cabeça. Perguntei se ele conhecia o bairro da menina que havia sido estuprada de bruços na cozinha.

- Conheço, mas nunca fiz nada com nenhuma menina de lá.

Entregou-se, pensei. A resposta dele já justificava minha vingança, era um estuprador em série, porém eu ainda precisava saber se ele era meu alvo original.

- Se você me responder a verdade, juro que não te joga no formigueiro por causa disso. - Traguei o resto do baseado e preendi a fumaça no pulmão. Demorei alguns segundos para soltar, dando o tempo necessário para assustar meu prisioneiro. - Você pegou uma menina nesse bairro, na cozinha de sua casa, e depois fugiu?

O homem me olhou nos olhos. Eu estava sereno. Ele deve ter visto minha sinceridade.

- Peguei. - Ele manteve o olhar. - Nem machuquei a menina. Ela gostou.

Caminhei até o homem e o amparei para descer do capô. Ele me olhou agradecido. Conduzi-o pelo ombro até o foco do farol do carro e o derrubei.

- Hei. - Ele tentou se desvencilhar. Bati em sua cara com a mão aberta. O estalo do tapa foi tão alto que ficamos nos olhando por segundos. - Você disse que não iria me machucar. - Balbuciou.

- Preste atenção novamente. - Respirei fundo. - Eu disse que não iria te jogar no formigueiro por causa daquele crime. - Deitei o homem no chão, de bruços. - Vou te jogar no formigueiro porque você é um estuprador filho da puta.

Ele tentou lutar, mas preendi sua cabeça com meu pé.

- Você tem uma chance de fugir. - Peguei do bolso da jaqueta uma bomba de festa junina. Tinha uns quinze centímetros de comprimento e quatro de largura, o maior cabeção que já vi. Enfiei a bomba no rabo do homem, que esperneou, gritou e rosou de raiva. - Vou acender o cabeção. Ele demora uns quinze segundos para explodir. - Sorri. Eu me regozijava com a vingança. Sentia um prazer quase físico por devolver àquele ser desprezível a dor e o medo que ele infringira à moça. - Se você conseguir correr até o formigueiro e se jogar de bunda sobre ele, apagará o cabeção. Bastará, então, se levantar e fugir das saúvas que estarão subindo em suas pernas. - Levantei o homem e o virei de costas. A bomba enfiada em sua bunda me deu ânsia de riso. - Se prepare, babaca. Vou acender e depois entrarei no meu carro. Se você se livrar da

## CONTOS DE MÃO BRANCA

bomba e das formigas, basta seguir o caminho que eu tomar e você viverá. Se não se livrar, sua bunda explode em cima das saúvas e elas devorarão toda sua carne.

Acendi o isqueiro. Olhei o homem e vi seu terror. Não me compadeci, ele já havia feito coisas piores. Encostei a chama no pavio do cabeção que começou a chiar. O homem saiu correndo em direção ao formigueiro, para se jogar de bunda sobre a terra e apagar a chama.

Corri atrás dele e passei uma rasteira. Ele caiu de boca no chão de terra seca. Segurei-o pela testa e beijei seu pescoço.

- Cumprimenta o capeta por mim. - Senti o calor do pânico saindo pela garganta do estuprador. Empurrei o cabeção com meu joelho até quase sumir no meio das carnes da bunda. Afastei-me antes da explosão e vi pedaços de traseiro voarem pelo ar.

Apesar da cena ter sido assustadora, o ferimento não era tão sério. O homem apenas havia perdido o cu. Estava meio desmaiado pela dor e pelo susto, mas logo conseguiria andar. Cuspi no buraco de sangue e bosta no meio da bunda. Agachei-me e cochichei ao seu ouvido.

- Tá gostando de ficar de bruços?

Arrastei-o pelos cabelos até o meio do formigueiro. As saúvas subiram pelas minhas calças, mas não sai até ver o homem abrir os olhos. Ele olhou ao redor e viu as centenas de saúvas que andavam sobre seu corpo. De repente, tremeu com todos os músculos. Parecia sentir a dor de todas as picadas. Ou a ausência do próprio cu.

Pulei fora do formigueiro e bati as mãos nas pernas. O homem gritava e chorava, levantando poeira. Sua luta durou uns quarenta e cinco minutos. Ao final era uma massa inchada de sangue e barro. As formigas adoraram.

No outro dia liguei para o tio da menina. Ele já havia morrido, contou a mulher que atendeu. Perguntei sobre a garota. A mulher disse que ela havia se mudado para o interior e haviam perdido o contato.

- Eu tenho notícias sobre o estuprador. - Falei.

- Ah, ele foi preso há anos. - Entrevi a mulher. - Ficou preso um tempo e morreu na prisão.

Fiquei em silêncio.

- Teve o que merecia. - Comentou a mulher.

- É, - Concordei. - tiveram o que mereciam.

# CONTOS DE MÃO BRANCA

## Mãos limpas

O vestido fino cobria quase toda a pele, revelando apenas as formas sensuais. Ela consultou o bilhete e procurou o nome da rua, seus movimentos eram como o de uma deusa grega posando para o artista que a eternizaria como a mais perfeita figura humana feminina. E como era feminina!

A tez clara, corada, contrastava com os longos cabelos ruivos escuros, meio cacheados, que balançavam com o movimento. Os ombros retos, arredondados, sobre os grandes seios arrebitados, desafiando a gravidade, e cheios como melões maduros. Na fina cintura via-se o umbigo - o vestido era em duas peças - , pequeno e apertadinho. Alguns rapazes imaginavam se o que vinha logo abaixo não teria a mesma aparência. O quadril redondo era adornado por um bumbum cheio, gracioso e lisinho.

Sou fogo

Dou jogo

Cadela de raça!

Me quer

Teu gozo

Cheiro de cachaça!

Decida

Me quer lânguida

Ou lambida?

Devassa

Ou de virgem

Andar e graça?

Paulo ficou boquiaberto, nunca vira mulher tão linda! E gostosa! Não era como essas malhadas de academia, era uma mulher natural, livre de amarras. Seguiu-a com os olhos. Ela o mirou e empurrou o próprio queixo, sorrindo, mostrando-o que ele agia como um pateta. Paulo ficou envergonhado. A mulher desceu a rua e ele pensou em segui-la mas não saberia o que dizer.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

De repente, ela se virou e voltou direto para ele.

- Sabe onde fica a rua sete? – Uma voz impostada, como a de uma garota de telemarketing. Pensou nela gemendo em seu ouvido e quase gemeu também.

- Ah? – Foi o que conseguiu responder, hipnotizado pelos grandes olhos verdes que emolduravam um pequeno e reto nariz. A boca, ah, carnuda, desenhada na pele, sorrindo como um raio de sol.

- Pode me mostrar? – Ela sabia o efeito que tinha sobre os homens. E aquele nem era de se dispensar: em forma, grandalhão, um tanto cabeçudo mas até bonito.

- Ah-hã! – Sentiu-se feliz por dobrar seu vocabulário. Foi atrás dela, indicando as ruas e sorrindo, ainda de boca aberta.

Ela mostrou o endereço e explicou que precisava resolver um problema. Paulo pensava no suave perfume de flores do campo que exalava do atraente pescoço da mulher.

- É ali. – Falou Paulo, despregando os olhos dela apenas por alguns segundos.

- Você pode me acompanhar? – Ela pediu com um suave sorriso, quase suplicante. Como poderia ele recusar se já estava enfeitiçado? – É a casa do meu padrasto, ele é um pouco violento. – Abaixou os olhos, como se rememorasse fatos tristes. Paulo teve vontade de arrebentar a porta com um chute e quebrar tudo lá dentro.

- Eu te protejo! – Falou, triunfante, pois sabia que seu tamanho assustava os adversários e atraía as pequenas.

Ela sorriu, agradecida, e ele quase fechou os olhos para gravar em sua mente aquela expressão. Na porta da casa, ela disse:

-Entre comigo. Tenho que apanhar uns documentos, - Baixou os olhos. – mas tenho medo dele.- Parou de falar e duas lágrimas rolaram. Paulo sentiu uma vontade louca de consolá-la e a abraçou.

-Não chore, por favor. – Puxou-a para si e de leve secou seu rosto. A moça aninhou-se em seu pescoço. Paulo estava perplexo! A excitação que esse contato lhe causou foi enorme. Sentiu todos seus poros suando, coração acelerado, membro enrijecendo. – Que crápula eu sou! - Sua consciência pesava. Ela, ali, enroscada nele, chorando, e ele sentindo seu corpo quente, desejando possuí-la. Apertou-a contra si e sem querer, gemeu baixinho. Percebendo a excitação, a moça ergueu os olhos.

- Perdão, deve estar me achando uma boba. - Tentou se afastar mas Paulo a segurou.

- Fica. - Foi o que conseguiu pronunciar.

- Venha. - Ela pegou sua mão e dirigiu-se à porta lateral.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

Te vi ali...  
Um desejo na pele,  
Teu corpo, desejo e ruína  
Te sentir!

Poder tocar  
Em tuas formas!  
Ser eu e me perder!  
Te querer,  
Te ter!

Tô com fome de ti!  
Se toco alucino!  
Como meio menino...  
Felina, fêmea, mulher,  
Minha febre!

Te olhei assim!  
E molhado, suado!  
Imaginei teus seios  
E tua vontade!  
Me fartar!

Assim que entraram na casa, Paulo a puxou para si e gentilmente afagou seus cabelos.

- Ainda não sei seu nome...

- Manuela. Mas me chamam de Manu. E você?

- Paulo, ao seu dispor. – Não quis ser formal, mas ficava mais atrapalhado a cada minuto.

- Fique aqui, Paulo. Vou ver se meu padrasto está em casa. - Paulo sentou-se no sofá.

Alguns minutos depois Manu apareceu vestida com um fino roupão de seda.

- Desculpe, eu sentia calor. - Paulo não conseguia tirar os olhos daquelas formas voluptuosas.

- Você é linda! – Aproximou-se e a puxou para si.

- Por favor, - Ela virou o rosto. - não quero que pense mal de mim.

- Mal? Por que? - Ele notou o brilho que surgira nos olhos da garota eram de desejo.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

Apertou mais o corpo contra si.

-Você é linda! Eu sinto uma coisa... Nunca senti tanto desejo por uma mulher antes. - Sua boca procurou aqueles lábios carnudos e se beijaram selvagemente, suas línguas num balé frenético. Ergueu de leve o roupão e Manuela gemeu. Era o sinal verde! Arrancou a camisa enquanto sentia as mãos finas da garota abrindo seu zíper da calça.

- Linda, eu te quero!

Roupas espalhadas pelo chão. Paulo levantou Manuela nos braços e foi a procura de um quarto.

- Tem certeza de que estamos a sós? -

- Sim, querido! Estamos sós! - Deitou a moça na cama e admirou suas formas perfeitas, era uma linda mulher. Começou a beijá-la, sôfrego, primeiro os pés, lambendo os dedinhos, foi subindo pelas coxas firmes, sentindo uma vontade enorme de saborear seu sexo. Manuela estava entregue, seus gemidos inebriavam Paulo. Ele passou a ponta da língua úmida no clitóris e, lentamente, abocanhou a vagina como quem se farta com o mais doce mel. Acariciou os seios sem parar de lamber aqueles deleitosos lábios. Manu revirava os olhos e abria mais os joelhos, esperando sentir cada vez mais fundo aquele homem. Foi a gota d'água. Paulo subiu sobre ela como um cão no cio possuído de desejo, beijando-lhe a barriga, os seios, queria sentir cada vez mais o sabor da garota.

- Espera, quero sentir seu gosto também! - Manuela o devorou com a boca carnuda. Era uma fêmea voraz. Beijava e sugava com tenacidade, ele não resistiria muito tempo. Ela subia a língua úmida até o umbigo, brincava com as bolas, molhava os lábios sorrindo e voltava ao ataque, com a ponta da língua na glândula, fazendo rápidos movimento circulares, alguns beijinhos. Sabia que ele estava entregue. Ela foi perfeita! Paulo não segurou mais o gozo, era um sonho! Nunca teve um sexo oral tão bom. Sentiu tontura quando ela sugou tudo, sem frescura, uma fêmea verdadeira, como ele sempre imaginou nas suas fantasias mais loucas. Passaram a noite ali, sem pudores, ela inteirinha sua.

Sonhos se perdem

Se a imaginação os espera...

Um alvo na cama, estirado,

Um teto solar entreaberto,

Refletindo indícios claros

De que vai amanhecer!

## CONTOS DE MÃO BRANCA

E o corpo nu apagado  
Cobre os olhos desnudos,  
Dos pêlos a um desejo absurdo  
De absorver, tomar, comer,  
Antes que a consciência retorne...

Beijos ressequidos, breves,  
Dos pés à cabeça, uma sede louca  
Tomando o que a mim foi ofertado  
Pôr te ver ali, adormecido  
Para meu gozo e meu prazer!

Sugo mil cálices em teu contorno  
E enquanto não te seco total  
E depravadamente, não largo.  
Sem deixar vestígios, serro de vez  
Os lábios, numa insensatez...

Tomei tua essência, roubei-te  
E de tuas forças alimentei-me  
Caiu prostrado nos panos brancos  
Enquanto fugi de volta à vida  
Na espera de teus agrados

Paulo chegou a adormecer. Quando despertou viu os primeiros raios de sol pela fresta da janela. Deu um salto, não sabia onde estava. Logo a lembrança voltou e procurou pela moça. Estava perplexo!. Tinha que conversar. Não podia perder essa mulher de vista. Era perfeita demais! Jeito de criança indefesa contrastando com o de uma putinha safada na cama. Ouviu vozes que vinham da cozinha. Eram gritos! Alguns barulhos, coisas se quebrando. Assustou-se. Saiu rapidamente do quarto em busca de sua amada.

- Paulo, - um grito – SOCORRO! – Era ela.

Ele correu para a sala e a encontrou descabelada, o vestido rasgado revelando a brancura do seio. O rosto vermelho, parecia que chorava.

- Me salve. – Apontou para o homem do outro lado. Magro, meio calvo, usava terno e

## CONTOS DE MÃO BRANCA

parecia bravo. – Só você pode me ajudar.

Avançou sobre o homem como um touro, o vermelho da irritação dificultando sua visão e fazendo-o desejar apenas um objetivo: aniquilar quem ameaçava a garota. Jogou um cruzado com a direita mas o homem de terno se abaixou. Tentou um soco de esquerda mas também errou. Sem titubear, agarrou o adversário pela cintura e tentou derrubá-lo. Com uma agilidade surpreendente, principalmente por causa do terno, o outro se safou e foi se refugiar atrás de uma grande mesa de jantar.

Irritado pela fuga do adversário, pois queria mostrar à mulher sua força e habilidade, o grandalhão correu para atacá-lo novamente, mas o outro fugia pelos lados da mesa, tornando a situação um pouco ridícula.

- Tome. – Ela gritou e jogou um objeto ao seu salvador.

Paulo viu em suas mãos um revólver preto de cano curto. Nunca havia atirado, mas sabia que era só apontar e apertar.

- Parado! – Gritou para o magro que fugia. A arma queimava em suas mãos.

O careca levantou os braços, uma expressão de espanto na face. Paulo quase sorriu, havia controlado a situação. A mulher ficaria muito agradecida.

Ela andou até Paulo, as ancas girando ao redor do corpo, os cabelos cobrindo a parte desnuda do seio.

- Você me salvou. – O hálito quente, doce, embriagou os pensamentos de Paulo. O aroma daquela mulher o viciava.

E agora?

Que estamos aqui,

Desejo e ternura

Um gosto que dura

Uma eternidade!

Um gozo contido

Lascivo, libido

Senhora de minhas vontades!

Paulo aproveitou para apreciar a bunda de Manu quando ela contornou a mesa e se aproximou do homem de terno. Com um sorriso de escárnio nos lábios avermelhados, apoiou os dois braços no peito do homem e soltou as pernas, prendendo-se nele para não cair. – Não! – Gritou, fingindo que era atacada. – Não faça isso, por favor. – Gemeu e atirou-se ao solo.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

Paulo apertou o gatilho três vezes. Os projéteis acertaram o peito do homem careca, ainda estático pela atitude da mulher. Despencou para trás e permaneceu do jeito que caiu.

- Você me salvou. – Disse novamente a mulher. – Me ajude. – Esticou as mãos e ele a levantou do solo. – Meu herói. – Sussurrou. Ele ainda estava aturdido, porém a calma da mulher o controlou. – Esse sacana – apontou o cadáver – era um homem muito mal, não se preocupe. – Chegou o rosto para perto de Paulo. – Agora esta tudo bem, amor.

Beijou-o levemente.

- Espere um pouco. – Falou de súbito. Beijou-o mais uma vez, pegou sua bolsa e saiu rumo ao quarto. – Vou me arrumar.

Quinze minutos depois Paulo começou a estranhar a demora da garota. Procurava-a no quarto quando foi surpreendido por dois policiais que entraram de supetão.

-Parado aí! Mãos na cabeça!. - Tinham revólveres e apontavam para ele.

- O que houve? – Estava assustado e sincero, nem lembrava do corpo na sala.

- Esse revólver é seu? – Perguntou um dos policiais.

Viu a arma que ainda estava na cabeceira da cama, exatamente onde a colocara.

- Sim, ou melhor, não. É da mulher... – Como iria explicar?

- Que mulher? - Olharam em volta...

- Manuela, deve estar no banheiro. - Revistaram tudo e nada da garota.

- Tinha uma mulher comigo! O homem na sala era seu padrasto.

Foi arrastado para a sala, onde outros policiais cercavam o corpo do careca e o cutucavam com o pé, para assegurar a mortalidade.

- Qual o sobrenome da mulher? – Perguntou o policial. Acertou um cascudo em Paulo para chacoalhar sua memória.

- Eu não sei. Conheci ontem. – Confessou. E foi a única coisa que esclareceu com clareza, pois não conseguia explicar o porquê de matar aquele velho policial, corrupto, que era odiado e temido pelos colegas.

- Será que é a mesma mulher que ligou para a delegacia? – Perguntou o policial que segurava as algemas.

-Talvez.... – Respondeu o delegado, lembrando da suave voz de operadora de telemarketing que o informou por telefone que um idiota havia matado o José Roberto, o cadáver no chão, e que ainda estava na casa.

- Algeme o elemento! - Levaram Paulo para a delegacia. Estava perdido! Quem iria acreditar nele?

No prédio da esquina, olhando por uma janela os carros da polícia em frente à casa do

## CONTOS DE MÃO BRANCA

policial assassinado, a ruiva acendeu um baseado e tragou fundo. Lembrou-se de quando o policial quis trepar com ela como pagamento por recuperar sua BMW roubada. Quantas pessoas o sacana não havia abusado através do poder do seu distintivo? Não importa, ele não faria mais isso.

Você se diz meu amigo,  
Amigo incondicional,  
De todas as horas,  
Me beija se choro,  
Me abraça se beijo,  
Se aproveita,  
Me deita,  
Me possui...  
Um conluio  
De dias...  
Amor,  
  
Mata meus inimigos pra mim?

# CONTOS DE MÃO BRANCA

## Levando vantagem

De Mão Branca e Me Morte

Ricardo era um cara descolado, 27 anos, gerente de empresa, carro do ano. Nasceu com a bunda virada pra lua, tudo dava certo. Talvez por isso fosse tão safado, queria sempre levar vantagem, principalmente se tivesse na jogada algum rabo-de-saia.

Depois de um exaustivo dia de trabalho, dirigia seu possante carro para fora da garagem quando bateu em alguma coisa, estava distraído. Assustou-se ao perceber que era uma mulher. E uma mulher linda!

- Você está bem? – Logo uma pequena multidão cercou o acidente.

- O que aconteceu?... – Ela apalpou a cabeça, alisando os longos cabelos castanhos. Ricardo ficou hipnotizado. Os olhos verdes brilhavam lacrimejantes sobre o pequeno nariz reto. A boca, carnuda, tremia no ritmo dos soluços sentidos.

- Você caiu na frente do meu carro. – Apressou-se em responder Ricardo, antevendo qualquer problema.

- Caí? – Ela parecia desorientada, olhava as pessoas ao redor sem focar seus rostos.

- Não se lembra? – Ricardo notou a confusão da mulher. Segurou-a pelos ombros e aproveitou para apreciar seu perfume. Excitou-se ao imaginá-la nua e lânguida.

- Estou confusa. – Fechou os olhos. – Não sei como vim parar aqui...

A mente perversa de Ricardo acendeu num clique.

- Amnésia?

- Não sei... nem lembro meu nome. – Arrumou o vestido, tentando se recompor. Ele conferiu avidamente os empinados e cheios seios que desafiavam a gravidade sem a proteção do sutiã. Escorreu os olhos pelas costas lisas até o bumbum redondo e atraente. Estava completamente enfeitiçado pela sensualidade moleca da moça.

- Querida – Abriu um sorriso político. – vamos para casa.

- Casa? – Fez um doce biquinho. – Você me conhece?

- Não reconhece seu ursão? – Acariciou o pescoço a garota, para acalmá-la, e a beijou na testa.

Antes que ela pudesse negar, a enfiou dentro do carro e correu para casa. Queria, a qualquer custo, comer aquela garota. Se pudesse usar um subterfúgio para alcançar mais rapidamente seu objetivo, tanto melhor. Seria, pensou, até muito interessante transar com a desmemoriada. Uma espécie de estupro consentido.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Posso tomar um banho? – Ela pediu assim que chegou ao bagunçado apartamento de Ricardo.

- Claro, a casa é sua. – Tirou a roupa e a jogou no chão. Ficou nu para mostrar que tinham intimidade. Desabotoou o vestido da moça.

- Eu faço isso... – Ela tentou impedi-lo, parecia receosa.

- Não, querida, eu sempre a dispo, é o nosso pacto. – Ela franziu o cenho. - Sim, eu tiro sua roupa, – Desabotoava o vestido enquanto falava. Logo ela estava apenas de calcinha. Ricardo quase gemeu de prazer ao ver as marcas de biquíni no corpo perfeito. – e você chupa meu pau.

O membro estava rijo como aço. Ele tentou puxar a cabeça da mulher, mas ela enrijeceu o pescoço. “Estou indo muito rápido”, pensou, e decidiu fazer algo por ela.

- Venha. – Puxou-a pela mão até o sofá. Sentou-a e foi postar-se ao seus pés. Gentilmente abriu as torneadas pernas da garota. Apreciou por alguns instantes a vagina rósea, pequena, cheirosa. Acariciou a virilha e a beijou levemente. Escutou um gemido, percebeu que ela começou a entrar no clima. Com a língua úmida, passou superficialmente a ponta sobre os lábios abertos, convidativos. Ela, agora, suspirou. Era sua. Abocanhou a boceta avidamente, como se chupasse uma laranja. A língua percorreu todas as curvas, entrou fundo e voltou para o clitóris, balançando-se lateralmente e bem rápido. Trabalhou naquela xoxota com afinco, ao mesmo tempo que enfiava vagarosamente um dedo, depois outro. A garota esqueceu que não se lembrava de nada e gemeu prazerosamente. Ricardo sabia o que fazia.

Ela gozou. Revirou os olhos e apertou a cabeça do rapaz em seu ventre. Estava arfante. Ele sentou-se no sofá.

- Vem, amor, ajoelhe aqui. Agora é sua vez de fazer um boquetinho no seu ursão.

Ela parecia em dúvida, como se nunca tivesse chupado antes.

- Calma. Você gosta! É o que te dá mais prazer.

Ela começou timidamente, lambendo a base do membro, foi subindo a língua enquanto a mão acariciava as bolas, habilmente, e parou a boca em cima, na cabecinha, como se fosse recuar.

- Vai, amor... – Pediu Ricardo, meio sonso de desejo.

Ela abocanhou tudo, prendeu na garganta e voltou a beijar a cabeça. Enquanto seus lábios faziam pressão, a língua brincava com a glândula inchada. Ajoelhada nas pernas do rapaz, descansava os peitos sobre o saco enquanto punhetava o pau. Ela chupou e bateu cabeça até Ricardo não mais se controlar.

- Vou explodir!

Ele pensou que ela fosse se afastar, porém a garota segurou firme o pau e mirou a glândula

## CONTOS DE MÃO BRANCA

para a boca com avidez. O primeiro jorro foi engolido direto da cabeça, os seguintes em mamadas pausadas. Ricardo achou que fosse desmaiar, virar do avesso, ou no mínimo secar até o osso. A garota puxava e mamava as últimas gotas com ternura, passando a pontinha da língua ao redor da cabeça, com um sorriso meigo e tremendamente excitante. Ficou satisfeito, mas não completamente.

- Vem, amor, vamos para o chuveiro. – Ele a lavou como uma criança. Limpou os dedinhos dos pés, passou sabonete pelas pernas longas, lavou a bundinha cheia e durinha, acariciou o ânus e o lavou, até por dentro.

Foram para a cama, ele a virou de costas e sussurrou em seu ouvido:

- Quero por trás.

- Como? Fazemos isso também?

- Sim, querida, você costuma delirar! – Pegou a vaselina e esfregou na cabeça do pau. - Calma, não fique tensa. - Tentou enfiar seu membro rijo. Estava difícil. Conhecia o corpo feminino e aquele nunca havia experimentado sexo anal. Sua excitação cresceu. - Quietinha... – De supetão penetrou até o talo.

- Ai. – Ela tentou sair da posição.

- Calma, calma... – Ricardo a segurou pelas ancas e iniciou um movimento ritmado. A moça gemia de dor.

- Está doendo!

- Deixa-me ver... – Puxou-se para fora e viu um filete de sangue escorrendo pela bunda da moça. No seu pau também notou pequenas lacerações. – Calma, tudo está bem. – Não se importava com a moça, queria apenas satisfazer seu desejo. Penetrou-a novamente e continuou com os movimentos. Ela gemia, a dor era intensa, não havia espaço para prazer.

Excitadíssimo por desvirginar aquele ânus, logo gozou e caiu no sono. Dormiu engatado na mulher, como se fossem velhos amantes.

Na manhã seguinte, Ricardo acordou com a claridade. Percebeu a moça soluçando e olhando pela janela.

- O que houve, querida?

Ela não respondeu. Apenas abraçou o próprio corpo com os braços e aumentou o pranto.

- Lembrou de tudo, não foi? – A voz de Ricardo era metálica. – Olha, querida, não precisa chorar. Foi bom, não foi? Você gozou feito uma porca no cio... Hehehe. – Saiu da cama ainda nu e coçou o saco. – Aposto que nunca tinha feito sexo assim...

Os soluços ficaram mais altos.

- Ora, mulher, somos adultos! – Sua voz demonstrava impaciência. – Sei que você

## CONTOS DE MÃO BRANCA

gostou, afinal, rebolou como uma puta.

A mulher se controlou, acalmando-se e ele novamente perguntou:

- Lembrou de tudo?

- Sim.

- Foi bom, não é?

- Sim, foi bom...

- Então? – Usou seu sorriso mais safado ao abraçá-la. Ela se desvencilhou.

- Lembrei por que me joguei na frente do seu carro.

- Se jogou?

- Eu queria morrer! – Os soluços voltaram.

- Morrer? – Ele tentou abraçá-la mais uma vez. Pensou numa rapidinha durante a manhã.

– Oras, que motivo uma gata como você teria para se matar?

Ela engoliu em seco e finalmente disse:

- Eu havia acabado de pegar o resultado do exame...sou soro-positivo.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

### Qualquer um

- Não mato qualquer um. – Falei antes de qualquer coisa. O homem do outro lado da linha calou-se para me ouvir. – Preste atenção: só vou explicar uma vez! – Fiz uma pausa. – Você me dá todas as informações sobre o caso. Quero nomes, endereços e fatos. Vou investigar. Se o canalha que você quer morto realmente merecer morrer, eu me livro dele. Se não merecer, mato você por ser um filho da puta querendo matar gente inocente. Fui claro?

- Sim. – Sua voz era firme, bom indício.

- O pagamento será em dinheiro.

- Metade depois do serviço? - Perguntou o homem.

- E se eu resolver te matar, como vai me pagar?

Ele titubeou, finalmente.

- Certo. À vista.

- Conte-me tudo. – Pedi.

Disse chamar-se Alexandre Marques. Era engenheiro, dono de construtora, com um sócio que estava comendo sua mulher. Até então, nada de mais, só não é corno quem não sabe, eu jamais finalizaria alguém por traição. O problema era que os dois tramavam acabar com ele para ficarem com todo o empreendimento.

- A empresa é grande? – Quis saber o nível do meu contratante.

Falou-me o capital social. Milionário. Eram gentes de posse. Melhor assim, de pé-rapado eu tava de saco cheio.

Contou que descobriu a mulher e o amante contratando um assassino de aluguel para matá-lo, por isso resolveu me contratar para matá-los antes.

- Não sou um assassino de aluguel. – Retruquei. – Sou uma espécie de justiceiro. – Quase ri de mim mesmo, justiceiro? Que nada, eu matava por prazer mesmo, adorava ver os olhos da vítima tornarem-se turvos, a pupila dilatando sem sensibilidade à luz, a energia da vida fluindo livre do corpo maléfico e devasso.

- O assassino – Mudou o assunto – já deve estar atrás de mim.

Outro matador? Isso era perigoso. Qualquer cara com uma arma é um adversário a ser considerado. Pegar canalhas sexuais ou bandidos fuleiros era fácil, quase sempre estavam desarmados e morriam de medo dos meus trabucos, mas assassinos de aluguel eram normalmente ferozes e disciplinados, atacando de tocaia, sem misericórdia. Igual eu fazia.

- Como descobriu?

- Interceptei um telefonema ao matador. Meu sócio contava minha rotina.

Resolvi aceitar o caso.

- Esteja com meu pagamento na sexta-feira numa sacola plástica de supermercado ao lado do Pão de Açúcar do Lago Norte. – Expliquei uns detalhes e a hora e anunciei o montante. Ele nem se espantou, era rico. Eu havia multiplicado por quatro meu cachê. – Até lá seguirei as vítimas. Dê-me os endereços e horários.

Anotei e sai à caça. Morava o sócio no Lago Sul e meu contratante com a mulher no Park-Way, numa mansão de encher os olhos. Toquei a campainha e conversei com a empregada, uma mulatinha deliciosa.

- A patroa taí?

- Saiu com o doutor. – Brejeira, rebojava ao falar.

- E você, que horas sai? – Fiz meu olhar Dom Juan. Ela sorriu e respondeu. Zanzei pela vizinhança esperando o fim do expediente da empregada. Fumei um delicioso baseado pernambucano, bem verdinho, deixou-me bastante louco. Peguei a mulata em frente à mansão e demos um passeio. Em dois dias eu já era seu amante e sabia de tudo o que acontecia na casa.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

Ela me contou que a patroa, Dona Irani, era meio vagabunda mas não parecia ter outro homem. Se tivesse, era bem discreta. O patrão, este sim, era enrolado até a cueca com outras mulheres.

Escondido no quarto da empregada, dormi na mansão no quarto dia. Sai durante a noite e xeretei nos telefones, nas agendas, nas carteiras, bolsas, gavetas, bolsos de roupas e até nos lixos. Pouco descobri, além de um número de telefone sem nome. Chamou-me a atenção pois era meu número antigo de celular, que eu havia trocado no sistema de rodízio que faço para nunca ser rastreado pela polícia. Sempre que mudava o número, ligava para os antigos contratantes para informar o novo celular e perguntar se alguém tinha “vendido” meus serviços, ou seja, encontrado algum novo canalha para eu apagar.

Pedi à Neide, a empregada, as contas de telefone da casa. Ela não aceitou a princípio, mas as flores com que a presenteei junto ao pedido fizeram-na ceder. Descobri que foi do telefone do patrão que saíram várias ligações para meu celular. Ele parecia já estar tentando me contatar há tempos.

Acessei a caixa de mensagens do antigo número:

- Preciso te contratar. – Escutei o patrão gravado na secretária eletrônica. – O marido da minha amante quer me matar. Retorne a ligação. – E citava um número desconhecido. Disquei para ele.

- Alô! – Disse um homem.

- Armando? – Perguntei.

- Não, aqui é Flávio.

- Armando Pinto?

- Ah, vá se foder! – Retrucou Flávio e desligou.

Perguntei à Neide quem era Flávio.

- Uai, - Ela sempre começava as frases com brejeirices. Gracinha. – é o sócio do patrão. – Olhou-me como se eu fosse um idiota. Comecei a achar que alguém realmente estava querendo me fazer de idiota.

Liguei mais uma vez para Flávio.

- Armando Pinto?

- Vá se foder! – Gritou Flávio.

- Aqui é o agente Horácio da Sexta Delegacia. Do Paranoá. – Metalizei a voz. – Há algum Armando Pinto que perdeu o telefone? Ou foi roubado? – Enfatizei a última parte.

- Sim, agente – Titubeou Flávio. – meu telefone foi roubado há uns meses, mas já apareceu. – Ouvi um sorriso simples. – Como por milagre.

- Exatamente quando o aparelho sumiu, senhor Armando? – Perguntei e ele me indicou uma data correspondente à que meu contratante havia ligado para meu número antigo. E disse o nome completo, Flávio Frias.

Se minha interpretação estivesse correta, e eu quase nunca me enganava, aconteceu que meu contratante roubou o telefone do sócio e ligou para um assassino de aluguel do próprio telefone, fazendo-se passar pelo sócio, para que o assassino retornasse a ligação no celular do sócio, assim ele próprio atenderia e acertaria o assassinato dele mesmo. Deixava tudo registrado nas contas. Não fazia sentido!

A não ser que ele próprio denunciasse tais ameaças à polícia e, quem sabe, contratasse outro matador para “fazer” o sócio antes de sofrer qualquer atentado. Desde o começo queria pagar só depois do serviço, ou seja, não queria pagar.

Liguei para a Sexta.

- Agente Horácio, por favor.

Um grito e ele atendeu.

- Faz uma pesquisa para mim? – Pedi. Concordou com um grunhido de “manda”. Falei sobre a ameaça a Alexandre Marques por parte de Flávio Frias.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Tem registro sim. – Uns sons de teclado de computador – Ele contou que a mulher o trai com o sócio Flávio Frias e querem, em conluio, matá-lo para ficar com a empresa. – Horácio parecia ler o papel. – Assinado e registrado num BO.

Desliguei. Estava feito o esquema: meu contratante estava resguardado pelos próprios meninos da lei, vítima de ameaça pelo sócio que fodia sua mulher e trocava telefonemas com um possível matador de aluguel. O único erro que cometeu foi ligar para meu antigo número pelo próprio celular.

Pensei na “dona” Irani e em Flávio. Seriam mesmo amantes? Bem, tanto fazia. Que trepassem gostoso.

Na sexta-feira fui de moto ao Lago Norte. Estacionei na quadra 04 e atravessei a viela entre cercas de chapas de ferro até o Pão de Açúcar, lugar apertado de uns quatrocentos metros de extensão. Procurei pelo Baixinho, um moleque de rua. Logo apareceu.

- Ué? Cadê a moto?

- Hoje é diferente, Baixinho. – Expliquei que naquele dia ele não iria conferir o dinheiro e o levar para mim do outro lado da viela. Iria apenas conferir o dinheiro e me chamar ali mesmo.

- Duzentos? – Quis saber quanto iria ganhar pelo trampo.

- Quinhentos, meu chapinha. – Sorri com os dentes perfeitos. Era de rua mas limpinho. E nada bobo.

O “doutor” Alexandre Marques, dono de empresa, rico, safado, tentou armar uma arapuca para se livrar da mulher e do sócio, ficando livre com toda a empresa. Iria conseguir perfeitamente seu intento, porém deu o azar de encontrar o matador errado. Provavelmente não acreditou em mim quando expliquei meus termos. Muitos possíveis contratantes desistem depois de ouvir meu discurso inicial. Ele provavelmente achou que fosse besteira ou, talvez, pagou para ver, imaginou que eu não fosse mesmo meter as caras na investigação. Ou que eu fosse burro.

Na hora marcada, início da noite, o engenheiro surgiu num Civic. Apontei-o com a cabeça, Baixinho disparou até o carro e soltou a matraca.

- O dinheiro tai, tio? – Enfiou a cabeça pela janela. – Cadê a sacola de supermercado? Anda, deixa eu ver. Abre. Tá armado, tio? Levanta as pernas. Levanta a camisa. – As ordens se sucediam. Era engraçado ver um marmanjo amedrontado com uma criança. – Abra o portamalas. – Foi atrás conferir e olhou em minha direção. Confirmou com a cabeça.

O engenheiro estava tão certo que seu plano daria certo que foi entregar o dinheiro ao segundo matador sem nenhuma proteção. Pensou que só trataria com o moleque de rua como expliquei ao telefone. Azar o dele. Fui até o carro e entrei no banco de passageiro.

- Ai. - Ele se assustou. Foi engraçado.

- Calma. – Acendi o isqueiro e incendiei a ponta de um baseado paraguaio, do bom. – Sou eu. – Peguei o saco com o dinheiro. Nem conferi, confiei no Baixinho. Saquei cinco notas de cem e estendi para fora da janela. O moleque as pegou como um raio e sumiu no estacionamento.

- Anda com o carro.

- Para onde?

- Só – Prendi a fumaça no pulmão. Saiu um barulho engraçado e um pouco de fumaça pelo nariz. – anda.

Ele saiu pelo Lago Norte, subiu a serra para Sobradinho, passou por Planaltina, seguiu para São João da Aliança e continuava calado. Eu fumava tranqüilamente, apontando as ruas a seguir. Até cumprimentei os canas da barreira policial. É impressionante o que o medo faz as pessoas aceitarem sem resistir, principalmente se o atacante está de luvas de plástico branco e um berro preto engatilhado.

- Para onde? – Finalmente perguntou. E ainda se repetiu.

- Para o inferno. – Nem me mexi no banco, para aumentar o efeito da frase. Notei que ele começou a tremer. Ri mentalmente. – Diminua. – Ele tirou o pé do acelerador. Logo paramos no acostamento. Virei-me e perguntei: - Você tentou me enganar?

## CONTOS DE MÃO BRANCA

- Pensei que aquele papo de justiceiro fosse brincadeira. – Falou com a voz firme. Havia recuperado a confiança. – Você vai me matar?

- O que você acha?

- Eu tenho muito dinheiro. – A voz estava inexpressiva, apenas constatava o fato. Para ele tudo se resumia aos valores sustentados pelo dinheiro. Honra e moral eram valores desconhecidos, esquecidos no velho mundo dos pais e avós, ou mesmo inaceitáveis na batalha diária pela sobrevivência no meio capitalista e portanto selvagem que se espalhou por todos os cantos. Com dinheiro resolveria qualquer problema, ninguém resistiria, afinal todos eram tão podres e mesquinhos que renegariam aos mais importantes valores em troca de aumentar os dividendos financeiros. Sendo rico, tinha o que quisesse.

- Eu tenho uma arma. – Apontei o trinta e oito para o nariz pequeno de Alexandre. Ficaria ainda menor com o estouro da bala. – Quer uma chance? Te dou uma chance. – Ele continuava impávido, porém o suor diminuiu. Eu sempre atentava para os detalhes, eles me previam as ações das vítimas. – Confesse.

- Como?

- Ligue agora para a polícia e confesse que você tramou a morte do seu sócio e da sua mulher. – Seus olhos perderam o foco, analisava as possibilidades. – Sim, você será preso, mas é melhor que morrer. – Ajudei em seus pensamentos.

- Certo. – Sacou o telefone e discou um número. – Aqui é Alexandre Marques. Quero confessar um crime.

Tomei o aparelho e desliguei.

- Tive uma idéia melhor. Vamos para a delegacia. – Sorri. – Sou policial. O senhor está preso!

Pareceu desabar o engenheiro, seus olhos brilharam. Sorriu, até. Viu-se apanhado numa armadilha da polícia para arrancar sua confissão.

- Sim. – Mantive o sorriso. – Saia do carro para ser algemado.

Ele contornou o Civic visivelmente feliz. Chegou-se para mim com as mãos estendidas.

- Pode algemar.

- Vire-se de costas, senhor. – Imaginei ver dúvida em seus olhos, mesmo assim ele se virou tranqüilamente e juntou as mãos às costas.

Acertei o tiro na nuca.

A bala saiu pelo rosto e o desfigurou. Caiu mortinho como desejou à própria esposa e ao sócio. Eu sentia algum remorso? Hum, não. Prazer? Hum, sim. Vergonha? Sim, principalmente por sentir prazer em estourar os miolos de um canalha e sem remorso algum. Nunca entendi essa minha compulsão.

Tirei as roupas do cadáver, guardei o relógio e a carteira e joguei tudo dentro do carro. O morto peladão deixei no banco de trás. A polícia acharia todo aquele sangue no carro e imaginaria que ele morreu. Voltei ao volante e andei com o carro. Já rodávamos na pista menos de três minutos depois que paramos no acostamento. Meu presunto estava nu e quase pronto para a desova.

Procurei a primeira estradinha perto do córrego Buritizinho. Entrei por uma picada de chão e desliguei os faróis. Andei vagarosamente, via pouco a frente. Logo parei o carro e arrastei o corpo para fora. Saquei o canivete e fiz dezenas de talhos na pele, abri a barriga e puxei fora o intestino e outros órgãos. Deixei tudo exposto à luz da lua. Naquela mesma noite todos os insetos da região se alçariam sobre o cadáver. Trariam bilhões de micróbios. De manhã estaria duro e seco, meio comido pelas formigas e ratos. Antes do meio dia estaria levemente decomposto. Ao cair da tarde seria atacado por urubus, musaranhas, gambás, até cachorros-do-mato, onças ou chupacabras, não importa, o certo é que na noite seguinte já será um monte de ossos espalhados pelo mato, que ficarão secos e quebradiços em poucos dias, graças ao sol e novamente aos insetos.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

O casal jamais seria responsabilizado, sem cadáver não há crime, mesmo com os indícios do sangue no banco. Eu queria deixar claro para a família que não deveriam procurá-lo, ele já conversava com o capeta.

Voltei pilotando o carro com uma mão e outro baseado na outra. Antes havia queimado a carteira e espalhado as roupas pelo acostamento. Um homem sumia da face da terra.

Parei o carro no estacionamento do Pão de Açúcar, fechei-o com um bip, atravessei a viela e joguei a chave no quintal de uma casa. Cheguei na moto, soltei o capacete, montei e o celular tocou. Estranho, duas ligações num mesmo mês?

- Não mato qualquer um. – Falei antes de qualquer coisa.

# CONTOS DE MÃO BRANCA

## Político sub unguial

Assistia ao programa político na tv, adorando o desfile de comediantes com suas propostas estapafúrdias. Alguns, porém, causavam-me asco, principalmente os ricos com ânsias vaidosas pelo poder. Aqueles que buscavam ascensão social através do Legislativo também.

Olhei para minha mulher que cutucava as unhas do pé.

- Que tá fazendo?

- Tô cortando a película sub unguial. – Virou-se e viu minha cara de pastel.. – A pele que nasce debaixo da unha.

Adorei aquilo. A idéia de destruir pela raiz aquela pelezinha nojenta e seu nome.

- Acho que vou cortar a película sub unguial também. – Resmunguei. Ela nem me notou. Porém, dentro da minha cabeça, alucinadamente, uma profusão de planos para colocar em ação e providências a serem resolvidas. Imaginava as armas, os tipos de tocaia e principalmente as vítimas. Quem eu pegaria?

Sim, havia decidido dar cabo de alguns políticos durante suas campanhas, para evitar que pudessem ser eleitos ou reeleitos. Minhas escolhas deveriam ser justas, afinal fazia aquilo para o bem de todos, era o extermínio da parcela sub unguial da política local. Escolhi pegar apenas três, dois homens e uma mulher.

Procurei minha primeira vítima durante dois dias. Era dono da Branal, o maior grupo empresarial da cidade, mil e quinhentos empregados, dezesseis firmas com faturamento de trezentos milhões. Nunca entendi como um cara que começou do zero construiu um império de tal magnitude. Sei, apenas, que só aqui em Braxília isso acontece. Influência do dinheiro público jorrado na capital do país? Claro, mas por que somente para os lobistas dos governantes? Isso era difícil de engolir.

Honório Marciano estava sobre o trio elétrico, discursando para a multidão que engolia seus cuspes e bobagens em troca de promessas futuras ou o reles pagamento de dez reais por dia de torcida durante a campanha. A maioria era de desempregados que adorava mendigar o lanche servido ao rebanho eleitoral e receber o soldo depois do dia de batalha pela sobrevivência.

Quase sorri, pela facilidade. Estacionei a camionete a duas ruas do trio elétrico que rodava como uma tartaruga pelo asfalto. Atarraxei a mira telescópica, tirei a tampa da lente e abaixei o vidro. Sem esforço coloquei a cabeça branca e quase careca do Marciano no ponto perfeito de tiro. Prendi a respiração. O barulho sequer seria escutado perto do trio. Minha primeira película sub unguial tombaria com a cabeça furada, sem confusão nem balbúrdia.

## CONTOS DE MÃO BRANCA

Quando perceberem que foi atingido por um disparo, já terei colocado a terceira rua entre nós. O alvo ficou sozinho no meio da pequena multidão sobre o trio. Com calma, atirei.

Minha segunda vítima não tinha feito nada de errado, mas certamente faria. Ou melhor, talvez já tivesse errado, ao nascer, era cria do demônio. Stéfane Mary Muniz, filha do poderoso Araquém Muniz, o mais corrupto e esperto governador que o DF já teve. Obras faraônicas, indenizações milionárias, desvio desde verbas até trabalhadores braçais. Uma bandalheira sem tamanho, mas tudo sem vestígios ou no limiar da legalidade. Nunca se provou nada contra ele, mas não dá para aceitar um governante que compra mais da metade das terras e imóveis do lugar durante seu governo.

Foi mais fácil. Menos conhecida, caminhava pela quadra das sapatarias no bairro do Assombradinho cumprimentando os transeuntes. Ninguém a conheceria se não fossem as duzentas pessoas contratadas que a seguiam com cartazes e faixas. Balões circulavam a candidata para montá-la numa espécie de palco colorido no meio da rua. Todos gritavam e dançavam ao seu redor, era deprimente. Meio feiosa e gorda, a mulher sorria com dentes tortos e manchados. O dinheiro ainda não é capaz de comprar tudo.

Guardei a Bereta no bolso, já atarraxada ao silenciador, e fui postar-me atrás de Stéfane. As pessoas conversavam e sorriam e andavam para os lados, sem muita atenção. Esperei o chatíssimo discurso para os amigos das sapatarias, as puxações de saco dos amantes do microfone e os elogios esdrúxulos gritados em coro pela corja dos mascates de voto. Pelo buraco no bolso da jaqueta, apontei a pistola para as costas da minha segunda película. Ao trovar dos fogos de artifício e com a música ensurdecendo meus ouvidos, atirei sob a escápula de Stéfane. Eu estava num local mais alto, a bala correu para baixo no corpo e furou o coração. Nem deve ter sentido que morreu. Melhor assim.

As pessoas que a acudiram no chão nem perceberam o furo no vestido vermelho. Quase a agradei quando vi o que vestia. Não havia muito sangue, o coração não bombeava nada para fora do corpo. Uma técnica de tiro bastante usada por profissionais.

Meu terceiro sub unguial seria o mais complicado e o mais divertido. Era o bispo evangélico que alavancara a carreira da Igreja Cura Nosso Chão do bairro Tamanduá. Em poucos anos instalaram filiais em quase todo o país, compraram diversas rádios e uma estação de tv. O dinheiro do dízimo era bem administrado, principalmente com a renda assegurada pelo desconto no contra-cheque dos fiéis. Era dez por cento e nada menos, ainda que a fome fosse a alternativa. Seu carisma magnético e sua boa aparência faziam sucumbir corações apaixonados e fervorosos admiradores, todos usados em glória própria por Edson Ferrovalle.

O bispo presidia a Aipe, associação internacional dos pastores evangélicos, que regia a

## CONTOS DE MÃO BRANCA

indústria da fé, sendo respeitado até pelo famoso dono da Igreja Galáctica do Reino de Deus, bispo Emir Mancebo. A associação comunicou a todos os pastores que deveriam incluir nas pregações o pedido de voto ao bispo Ferrovalle. Como os fiéis não avaliam com clareza o que lhes é falado nos cultos, os pedidos de votos se tornavam ordens de votação, inclusive com punições infernais aos desobedientes. Eu abominava aquele domínio pela fé.

O bispo estava sempre protegido por diversos seguranças disfarçados de pastores. Ou por pastores disfarçados de seguranças. Nunca se expunha em lugares abertos e sempre trocava de rota em sua rotina. Por cinco dias o segui a distância, sem oportunidades de ataque. A essa altura, a notícia que dois candidatos haviam sido assassinados de surpresa durante a campanha estava em todos os jornais. O medo passou a rondar os cúmplices dos políticos mortos. O bispo Ferrovalle era o pastor de ambos, vivia agora ainda mais protegido.

Depois de outros três dias de perseguição incansável e improdutiva, resolvi apelar. Não gostava de usar outras armas mas tinha que aceitar que se não estava dando para acertar com a direita precisava usar a esquerda.

Apesar da aparência atlética e da religião evangélica, o bispo era chegado num birinaite. Seu fornecedor era o dono da maior supermercado de Saberlândia, o setor mais humilde da cidade, um devotado fiel. Entregava as caixas de vinho diretamente na sede da Igreja.

Consegui subornar o entregador para trocar uma caixa pela que eu oferecia. Certamente não aceitaria a troca se eu não o ameaçasse com a Bereta com silenciador, mesmo assim foi regamente pago para se manter calado depois de todo o ocorrido e, sobretudo, para não ser indiciado como cúmplice.

A caixa do meu vinho foi entregue secretamente na sala do bispo. Esperei no carro do lado de fora da igreja durante horas, queria ver o que aconteceria. Logo chegou uma ambulância. Pensei que tivesse alcançado meu intento. Chegou outra ambulância e mais outra. O lugar foi tomado por equipes médicas e carros do corpo de bombeiros. Pessoas eram carregadas em cadeiras de rodas, macas ou no braço mesmo para as ambulâncias que saíam arrancando.

- O que aconteceu? – Perguntei à uma senhora que organizava o socorro aos doentes. Muitos estavam vomitados e cagados, com aparência esverdeada e olhos fundos.

- Intoxicação alimentar. – Foi a resposta.

Descobri mais tarde o que tinha acontecido. A cozinheira da igreja preparava stroganoff para servir aos fiéis em comemoração à criação de um novo templo em algum bairro carente. Sabendo da existência do vinho do bispo, surrupiou uma garrafa e a usou para temperar a comida. Serviu aos pidões, que passaram mal logo após a refeição. Eu havia dissolvido Mão Branca, um poderoso veneno a base de chumbo, em cada garrafa, com quantidade suficiente para

## CONTOS DE MÃO BRANCA

matar quase instantaneamente com apenas um gole. O pouco de vinho diluído na comida foi capaz de contaminar quase cem pessoas.

O bispo era o mais solícito ao ajudar os combalidos. Acompanhei-o de longo. Percebi que trocava olhares discretos com um jovem pastor magrelo e perfeitamente engomado na camisa de linho com gravata. Em meio à balbúrdia dos doentes, percebi o bispo sussurrando algo ao rapaz. Minutos depois, desapareceu. Até os seguranças-pastores ficaram a procurá-lo. Segui o jovem pastor por intuição. Ele pegou um carro e foi ao parque da cidade.

Estacionou perto do bosque de pinheiros. Uma BMW se aproximou e parou ao lado do carro. Vi quando o pastor entrou na BMW e cumprimentou com um beijo nos lábios o motorista. Era o bispo Ferrovalle.

Finalmente eu encontrava a oportunidade. O bispo também era pederasta. Devia ter despistado seus seguranças para encontrar o amante, provavelmente não queria que soubessem também desta característica.

Esperei um breve período para as coisas esquentarem dentro do carro. Engatinhei até a traseira e dei uma espiada lá dentro. Vi apenas a cabeça do bispo jogada para trás, os olhos fechados. Seu amiguinho trabalhava nele com afinco. Até pensei em suborná-lo, porém eu ficaria na exposto durante as negociações. Eu nunca me arriscava. Encerrava o problema sem espaço para erros.

Puxei a maçaneta mas estava trancada. Tive que bater levemente na janela para ser visto pelo bispo, que acariciava a nuca do guloso rapaz que o chupava. Assustou-se comigo e puxou o amante pelos cabelos.

- Abra a janela.

Tentou guardar o equipamento enquanto abaixava o vidro.

- Pelo menos seu amigo não usa batom. – Comentei sorrindo. – Sobrariam marcas no seu piupiu.

- O que você quer? – A voz estava controlada, o bispo já tentava assumir o controle da situação.

Apontei a pistola para o boqueteiro.

- Volte à igreja e jogue fora todos os vinhos. – Ele me fitava apavorado. – Se contar para alguém, divulgo suas fotos orando no crucifixo do bispo. – Era mentira, eu não tinha foto alguma, mas ele não sabia. – Agora!

O pastorzinho voou de volta ao seu carro e arrancou. Voltei-me ao bispo.

- Só quero saber uma coisa. – Encostei a boca do silenciador no peito de Ferrovalle. Ele mantinha-se impassível. – Você realmente acredita em deus ou é apenas balela para enganar os

## CONTOS DE MÃO BRANCA

trouxas?

- O que você acha? – Foi a resposta. Provocativo, o bispo rangia os dentes.

- Acho que suas dúvidas acabaram. – Engatilhei a arma antes de atirar. Queria vê-lo bem ao saber que eu iria ser alvejado e morrer. Em seus olhos não notei fé alguma na vida eterna, somente um ódio mortal por mim.

O corpo só seria encontrado na manhã seguinte. Mais um assassinato dos matadores de políticos. Outros haviam começado a me imitar exterminando corruptos. Mais de sete mortes sem pistas para a polícia. Eu nem desconfiava quem eram seus autores. Os jornais especulavam que não foi o mesmo grupo que praticou todos os crimes, os métodos e as vítimas eram bastante diferentes, e afirmavam que o incentivador da onda de violência era o assassino dos dois primeiros crimes, do empresário e da filha, pois despertou na sociedade a vontade de fazer justiça com as próprias mãos. Eu nem me importava com essas análises. Estava satisfeito por fazer o que eu tinha que fazer.

Em casa, vendo o noticiário, pedi o alicate de unhas à minha mulher.

“Nova vítima do *serial killer* que vem amedrontando os candidatos da próxima eleição.”

Falava a repórter.

- Tenho mais uma película sub unguial aqui no pé para cortar.

-

## **CONTOS DE MÃO BRANCA**

Mão Branca é o pseudônimo de um escritor que vive em Brasília, tem mais de 30 anos, conhece profundamente a perversidade humana e tenta de todas as maneiras ver-se livre das amarras da própria limitação. Gosta de Charles Bukowski e de Wander Wildner. Mão Branca vive tomando umas nos bares da cidade mas está sempre à paisana. Gosta de coisas simples mas limpinhas. Detesta politicagem e vive mandando tudo à merda. Gosta de futebol, mulheres, roquenrou e cerveja. Acha a cachaça a bebida dos deuses.

Contato: [maobranca@gmail.com](mailto:maobranca@gmail.com)